

# Stadium

## VITÓRIA DE SETÚBAL—BELENENSES

Feliciano e Moura estão perfeitamente à vontade nesta jogada, mas não esquecem por certo que o setubalense Cardoso Pereira procura estar presente caso a bola resolva fugir aos dois lisboetas.



N.º 215

15 DE JANEIRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50



# SPORTING isolado à cabeça

## BENFICA e PORTO a seguir

As surpresas de Coimbra e Setúbal — O resultado inesperado de Guimarães — Custa a subir os degraus!

Crónica de TAVARES DA SILVA

Os clubes concorrentes à Primeira Divisão subiram mais um degrau, a 6.ª jornada. Os resultados que se verificaram foram os seguintes, e é preciso saber lê-los:

Académica.. 2 — Porto..... 1  
 Vitória S... 2 — Belenenses.. 1  
 Benfica..... 5 — Famacião... 1  
 Boavista.... 2 — Atlético.... 1  
 Estoril..... 9 — Sanjoanense 0  
 Vitória G... 5 — Olhanense.. 0  
 Elvas..... 3 — Sporting.... 5

A jornada teve um pouco de sal e pimenta. Assim acontece quando os mais fortes galgam para cima dos mais fracos. Dá-se então o que se chama, em linguagem do futebol, a surpresa, e que é um prato tão saboroso! Mas isto só prova, afinal, que o valor dos concorrentes não é tão desnivelado que um dos menos categorizados não possa vencer, mesmo os *leaders*, em tarde de fortuna.

Dos grupos de Lisboa sucumbiram Belenenses e Atlético; e se a derrota do segundo passa como normalidade, a primeira deverá começar a assustar seriamente os seus apaniguados. Está provado que, desde que a defesa de Belém se deixe bater uma ou duas vezes, se dará a catástrofe...

O Benfica e o Estoril, mais este do que aquele, passaram com relativa tranquilidade. Em Elvas, o Sporting comportou-se magnificamente e sabendo responder às arremetidas vigorosas do seu adversário.

Já em Guimarães, o Vitória aplicou uma tareia no Olhanense. O jogo de mais sensação disputou-se em Coimbra, e, vá lá, não desiludiu. Os estudantes jogaram com brio, e a organização portuense não pôde resistir ao seu ímpeto e ao seu querer. No balanço da jornada nota-se, infelizmente, que a *média do futebol* está a decrescer, e que o abaixamento dos que se podem considerar mais fortes equilibra de certo modo o valor de todos.

Depois da 6.ª jornada, a classificação é como segue:

Sporting 10 pontos, 5 vitórias e 1 derrota, 35 bolas contra 15; Benfica 8, 4 vitórias e 2 derrotas, 23 bolas contra 15; Porto 8, 4 vitórias e 2 derrotas, 13 bolas contra 10; Boavista 7, 3 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, 13 bolas contra 8; Setúbal 7, 3 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, 10 bolas

contra 6; Académica 7, 3 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, 10 bolas contra 17; Estoril 6, 3 vitórias e 3 derrotas, 24 bolas contra 11; Olhanense 6, 3 vitórias e 3 derrotas, 11 bolas contra 15; Belenenses 5, 2 vitórias, 1 empate e 3 derrotas, 6 bolas contra 8; Atlético 5,

Académica — Szabo, António Maria, Mário Reis, Eduardo Santos, Lomba, Brás, Melo, Azevedo, Jorge Santos, Leite e Bentes.

Arbitro — Carlos Canuto, de Lisboa.

O encontro decorreu com muito interesse. Como sempre que duas equipas lutam bravamente, não querendo que a superioridade pertença ao adversário. Nas primeiras impressões, o Porto deu a imagem de melhor organização, efectuando as jogadas com calma e perfeição. Pelo lado dos estudantes havia, no entanto, a ideia firme de ataque. Assim, estes puseram na luta entusiasmo e força de vontade, devendo dizer-se que forçaram o andamento do jogo. Foram sempre mais rápidos do que o seu antagonista, e o processo deveria resultar.

Como que admirados dessa velocidade, os portuenses desorganizaram-se aos poucos, e em tal medida que acabaram por consentir o futebol do adversário e este pôde organizar-se com maior coesão. Quando o encontro findou, os académicos dominavam a situação.

É justo que se diga ter sido o extremo Bentes a grande figura do encontro, correndo, driblando e rematando, de maneira a provocar sérias dificuldades no jogo defensivo dos portuenses. Leite serviu bem a sua dinâmica asa. Nos médios destacou-se Eduardo Santos (com senões de colocação!) e Lomba, mostrando toda a defesa solidez. Szabo conseguiu uma boa exibição.

No Porto, toda a defesa esteve uma desgraça. Barrigana cumpriu. Na linha dianteira, Araújo destacou-se como o melhor elemento, logo seguido de Correia Dias e Catolino, este muito trabalhador.



VERISSIMO, o médio sportinguista que, num crescendo de forma, confirma qualidades que o destacam como um valor positivo

2 vitórias, 1 empate e 3 derrotas, 10 bolas contra 14; Guimarães 5, 2 vitórias, 1 empate e 3 derrotas, 12 bolas contra 15; Famacião 3, 2 vitórias, 1 empate e 3 derrotas, 16 bolas contra 23; Elvas 4, 2 vitórias e 4 derrotas, 18 bolas contra 17; Sanjoanense 1 ponto, 1 empate e 5 derrotas, 5 bolas contra 32.

Na 6.ª jornada deu-se um facto lamentável: uma lesão grave de Manuel Reis, guarda-redes leonino, aliás, sem consequência de maior.

### O Porto desuniu-se...

No campo do Loreto, do Lusitânia, os grupos alinharam desta maneira: Porto — Barrigana, Anjos, Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Sanfins e Catolino.

Arbitro — Paulo de Oliveira, de Santarém.

O Belenenses deixou Setúbal com uma derrota que o jogo não deixava prever. Os setubalenses aplicaram o golpe de morte na melhor altura, quase no fim, quando já não havia tempo para a resposta.

E, todavia, bem vistas as coisas, os lisboetas revelaram melhor fundo de equipa, e no conjunto conseguiram organizar maior número de avançadas.

Mas isto pode sempre acontecer, em todas as hipóteses, mas principalmente quando os avançados teimam em não rematar...

Ora, os dianteiros belenenses gastam-se em passes sobre passes, e já não têm depois forças para atirarem às balizas.

Os setubalenses estiveram muito atentos ao jogo, não desperdiçando uma oportunidade. Com grande força de vontade, cobriram bem os avançados inimigos e aplicaram-se no jogo de ataque com empenho. Deve dizer-se que, embora fosse melhor a organização belenense, os setubalenses foram muitas vezes perigosos. A vitória não lhes fica mal.

### Triunfo justo, mas...

Uma coisa é o jogo; outra o resultado. Nem sempre os números exprimem com precisão o que se passou no terreno. Vejamos em primeiro lugar como alinharam os grupos no Campo Grande.

Benfica — Martins, Félix, Fernandes, Jacinto, Moreira, Vieira, Mário Rui, Arsénio, Vitor Baptista, Júlio e Rogério.

Famacião — Sansão, Clímaco, Cerqueira, Armando, Szabo, Ferrão, Mendes, Pires, Alvaro Pereira, Tallechea e Adelino.

Arbitro — Henrique Valido, de Setúbal.

O Benfica afirmou-se como melhor grupo, do princípio ao fim. Não poderá haver dúvidas a tal respeito. A toada do seu jogo foi nitidamente de ataque, e isto já significa alguma coisa.

Simplesmente, para atacar, o onze lisboeta não adoptou a melhor táctica. O nosso camarada Edmundo Tagarro vinca o facto, salientando que a bola foi posta no terreno e jogada em passes curtos sobre a lama. Nestas condições parece estar indicada a passagem longa, aproveitando a velocidade dos extremos. Ora, o Benfica dispôs de uma unidade que se chama Rogério...

É certo que os encarnados mereceram, apesar de tudo, o triunfo, pela sua melhor organização, mas

Ano V — II Série — N.º 215  
 Lisboa, 15 de Janeiro de 1947

### O Vitória atirou às redes

Os contendedores apresentaram no campo dos Arcos os seguintes alinhamentos: Vitória de Setúbal — Baptista, Pereira, Montês, Pina, Pacheco, Figueiredo, Campos, Nunes, Cardoso Pereira, Rendas e Passos.

Belenenses — Capela, Moura, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Elói, Andrade, Quaresma e Rafael.

**Stadium**  
 REVISTA DESPORTIVA

—  
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º  
 Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
 Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
 SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA  
 SILVAS, LIMITADA



# A rivalidade BENFICA-SPORTING

está separada por uma classificação expressiva

o seu poder de realização não valeu as quatro bolas de diferença registadas no final.

O Famalicão actuou do seguinte modo: coordenando os golpes na linha média (influência de Szabo!), mas jogando depois na frente em iniciativas pessoais. Sabe-se como isto facilita o trabalho da defesa contrária. Por outro lado, os rapazes de Famalicão assentam o seu futebol na base do passe curto e rasteiro, e todos sabemos como isto é precário quando o terreno não se encontra limpo.

## Um bom triunfo do Boavista!

Quê dirá o Boavista senão isto? — Acrescentamos dois pontos na Tabela e tanto basta para ficarmos contentes. Na realidade, o objectivo directo é vencer. Os grupos alinharam:

**Boavista** — Mota, Pereira, Silva, Raimundo, Serafim, Ramos, Garcia, Armando, Caiado I, Caiado II e Luzia.

**Atlético** — Correia, Baptista, Castro, Franco, José Lopes, Moraes, Armando, Gregório, Amaral, Quedes e Marques.

**Arbitro** — José Teixeira, de Braga.

O desafio decorreu na fórmula de luta cerrada. Os contendores não se pouparam, mas não saíram dos limites aceitáveis. Teve de tudo: equilíbrio, e vantagem de um e de outro lado.

O Boavista procurou com afã o triunfo. Tentou e conseguiu o objectivo. Talvez com um pouco de sorte. Mas isso não interessa para o facto. Ao consegui-lo, pôs-se então na defesa. Era preciso não deixar fugir o pássaro. De resto, sentindo-se perdido, o Atlético reagiu com o ímpeto próprio de quem está convencido que a última palavra ainda não foi proferida.

Na sua reacção, que teve beleza, o Atlético não soube ser calmo e procurar a aberta para aplicar o golpe decisivo. Pelo contrário, deixou-se levar pelo seu entusiasmo.

No Boavista distinguiu-se o guarda-redes, uma das razões do triunfo. Ainda Silva e Raimundo na defesa, enquanto que os irmãos Caiado brilharam no ataque.

Também Correia, do Atlético, foi várias vezes chamado a intervir e saiu-se bem. Baptista, Gregório, Amaral e Marques distinguiram-se.

## Estoril sabe rematar...

Sem dúvida, o Estoril Praia esta a fazer bons resultados, afirmando maior capacidade do que era de prever, dadas as provas apresentadas no torneio regional. Eis as linhas:

**Estoril** — Sebastião, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Osvaldo, Vieira e Lima.

**Sanjoanense** — Barbosa, Machado, Costa Leite, Santa Clara, Baptista, Carvalho, Pardal, Rocha, Santos, Azeredo e Arlindo.

**Arbitro** — Reis Santos, de Santarém.

O Estoril desenvolveu excelente jogo e fez uma partida magnífica. A equipa, bem orientada, actuou

no bom critério: nada de demoras de bola nos pés, e aproveitamento da velocidade de alguns elementos.

Com boa carburação, e com todos os sectores ligados, o futebol do Estoril desenrolou-se sem atrições. Tudo certo e bem feito. A bola era mandada de unidade para unidade, de modo a surgir o momento do remate. Nessa altura, remate forte e bem colocado!

Toda a tarefa do Estoril, ligad e de regular ordenação, teve a marca de ataque.

Quer isto dizer que o Sanjoanense se viu forçado a pensar, quase que exclusivamente, na defesa das balizas. E aí se revelou que a equipa não sabe praticar devidamente o jogo de posição.

A prova está em que o Estoril viu-se sempre livre, e algumas unidades *assustadoramente* livres. O onze tem, no entanto, a desculpa de se ver desfalcado de uma unidade na segunda parte, o que é atenuante para qualquer equipa. Com mais razão de ser para o Sanjoanense, que não deve desanimar com os resultados. Outros têm passado os mesmos transe, e é sempre assim quando se começa...

## Guimarães impõe-se!...

Quando menos se espera — elas sucedem! Não é o triunfo de Guimarães que surpreende. Mas o desnível. Os grupos formaram:

**Guimarães** — Machado, José Maria, Luciano, Ferreira, Garcia, José da Luz, Alexandre, Rebelo, Brioso, Teixeira e Alcino.

**Olhanense** — Óscar, João dos Santos, Grazina, Rodrigues, Nunes, Loulé, Moreira, Soares, Cabrita, Salvador e Queiroga.

**Arbitro** — Fonseca Gonçalves, do Porto.

O Vitória de Guimarães não conseguiu só um resultado que chama para o clube as atenções gerais. Jogou igualmente muito bem, organizando todos os seus movimentos, marcadamente ofensivos, com precisão e rapidez.

Os algarvios desorientaram-se um pouco: esperavam um valor e saíam-se outro ao caminho.

Quando os de Guimarães fizeram, num ápice, duas bolas, a meio da primeira parte, a situação complicou-se um pouco mais para o lado algarvio. Estes remeteram-se à defesa, com tenacidade, é certo, mas sem resultados práticos. Porque era o adversário que dominava, envolvendo nas malhas do seu futebol os jogadores contrários.

Os algarvios nunca se entregaram. Mesmo jogando mal, mostraram boa vontade. Na segunda parte, em alguns lances, o seu *association* de passes bem medidos veio ao de cima. Mas o adversário jogava nessa altura já em vencedor. Portanto, não se deixou bater uma só vez que fosse, e, parando todos os golpes, lançou outros que atingiram o alvo.

## Sporting venceu em Elvas

Disputou-se uma partida, viva e animada, em Elvas. Nem sequer faltaram alguns incidentes para aquecer mais o desafio — que já escaldava. Os grupos formaram:

**Elvas** — Semedo, Neves, Olivé-

cinco pontos separam o S. L. e Benfica do Atlético, na 10.ª jornada, que se concluiu nos últimos dias da semana. E porque todos os concorrentes fizeram 10 jogos, damos a seguir a sua classificação:

1.º — S. L. Benfica, 30 pontos, com 448 pontos marcados e 330 sofridos; 2.º, Atlético Clube de Portugal, 25 pontos, 383-331 tentos; 3.º, Belenenses, 22 pontos, 335-312 tentos; 4.º, C. U. F., 20 pontos, 351-330 tentos; 5.º, C. D. Lisgás, 17 pontos, 331-374 tentos; 6.º, S. A. Dafundo, 16 pontos, 384-426 tentos; 7.º, Carnide Clube, 15 pontos, 319-355 tentos; 8.º, Sporting, 15 pontos, 357-452 tentos.

Por este resumo de pontos e tentos se pode ver que a distância entre o 1.º e o último, — Benfica e Sporting — (aqui não «pegou» a rivalidade...) é de 15 pontos em 30. Além disso, os encarnados estão já certos da vitória, visto que o Atlético perdeu com eles dois jogos e teve mais um empate, afastando-se por completo do «leader». Segue-o a equipa do Belenenses em 3.º lugar, perto do Grupo Desportivo da Cuf, e entre os três conjuntos pode ainda haver alterações.

Do Lisgás, com 17 pontos, passando pelo Algés e Carnide até o último, que é o Sporting, a diferença é muito pequena: — 2 pontos apenas. Quer isto dizer que

ainda é possível desfazer o grupo, nos jogos seguintes. Se o interesse pelos lugares que dão entrada no Campeonato Nacional leva os grupos a lutar com entusiasmo, não é menos certo que o lote dos últimos precisa de jogar com todos os cuidados, a fim de evitar a sua descida.

Nos últimos desafios, o Atlético ganhou ao Lisgás por 28-23, e o Benfica derrotou o Sporting por 54-34. Os alcantarenses nem sempre têm demonstrado capacidade, e os jogadores leoninos não puderam fazer mais contra o melhor grupo da prova.

Além do campeonato maior de Lisboa, tem sido notável a acção dos agrupamentos inscritos na divisão seguinte.

Como no Porto, onde o Vasco da Gama, defendendo-se da 1.ª derrota, frente ao F. C. do Porto, obteve agora excelente vitória sobre o Fluvial. Ganhou por 55-20 no último encontro, e temos agora três grupos com idênticas possibilidades: Vasco da Gama, F. C. do Porto e Fluvial, todos com uma

## A Iluminante

MATERIAL ELECTRICO  
PARA TODAS AS  
APLICAÇÕES

Avenida Almirante Reis, 6  
LISBOA

ra, Henrique, Rebelo, Toninho, Virgílio, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

**Sporting** — Reis, Cardoso, Manuel Marques, Canário, Veríssimo, Juvenal, Jesus Correia, Armando Ferreira, Peyroteo, Travassos e Albano.

**Arbitro** — Libertino Domingues, de Setúbal.

O jogo foi duro e próprio de homens. Num e noutro lado, a luta nunca teve tréguas. Como nenhum *team* exerceu domínio acentuado, ambas as defesas estiveram vigilantes e os avançados trabalharam sem repouso.

Os *leões* trouxeram de Elvas os dois pontos do triunfo, mas estes foram arrancados à custa de sangue, suor e lágrimas.

Até o intervalo, o Elvas bateu o pé com decisão. O resultado, 2 a 1 a seu favor, reflecte um comportamento brioso. Peyroteo abriu o activo; Virgílio e Oliveira marcaram pelos elvenses.

Na segunda parte, o quadro ofereceu cores bem diferentes. Expulso Henrique, o Elvas viu-se reduzido a dez unidades e também forçado a aceitar a superioridade do adversário, que, disposto a ganhar, pôs no prato da balança todos os seus trunfos. Peyroteo resolveu o problema como ele sabe, quando a maré é de feição. Ou num desafio em que se sente inspirado.

derrota, a do Vasco aplicada do Fluvial, a do Porto recebida do Fluvial e a deste como acima se disse, após o jogo contra os campeões regionais.

O Campeonato do Porto, porém, não tem seguido com a devida regularidade. Há muitos jogos em atraso. Mas talvez se possa julgar que o título, mais certo no Vasco da Gama, está apenas ao alcance dos três grupos da vanguarda.

Informaram os jornais diários, em telegrama vindo do Brasil, que seria possível a realização de um jogo entre as seleções do Rio e de Lisboa, ou um Brasil-Portugal. O basquetebol brasileiro está muito desenvolvido, e por certo agradaria bastante um encontro com os nossos melhores grupos ou seleções.

A tentativa, se for por diante, servirá para ver até que ponto nos valorizamos no concerto *internacional*. O nosso público, que nunca falta nas grandes competições, daria relevo à organização, não devendo ter dela receio o clube ou Associações interessadas em ver os brasileiros em Portugal.



# QUE É PRECISO PARA GANHAR A ESPANHA?

**D**ECIDIDAMENTE, Portugal tem sanha-patas com os espanhóis. A que abruacas será necessário recorrer para que desapareça de uma vez para sempre, a estranha fatalidade que persegue os nossos jogadores?

Na verdade, chega a ser incompreensível o que sucede nos jogos Portugal-Espanha. E a venisaa é de tal forma nítida que já se tem verificado isto: excelentes jogadores, creditados de grandes exhibições, fizeram contra «nuestros hermanos» desastrosos impróprios da sua real valia...

Não será isto — fatalidade?

Portugal tem derrotado e vencido países que não são e que nunca foram, inferiores à Espanha. Por exemplo: a Itália. A esquadra azzurra teve de inclinar-se duas vezes ante o jogo dos portugueses. A nossa primeira vitória internacional foi alcançada sobre os italianos. Parece que esta a ver o lance: um centro de Domingos das Neves e remate de João Francisco, batendo o famoso Combi. 1-0 foi o resultado. Um dos melhores triunfos lusitanos foi ainda obtido sobre a Itália: 4-1, no desaparecido Ameal, do Porto, com três bolas marcadas por Waldemar Mota! Verificou-se essa proeza em 1928. No célebre ano em que Portugal brilha a grande altura. Pois, contra a Espanha, não pudemos ir além de 2-2, em Lisboa!

Sempre a fatalidade a perseguir-nos!

Mas há mais.

Durante a guerra...

Mas há mais: no período da guerra civil ganhámos aos espanhóis. Os desafios foram apresentados e anunciados como Portugal-Espanha. E aconteceu, então, este facto estranho: os encontros não foram considerados cativos pela F. I. F. A.! Eis o motivo porque o próximo Portugal-Espanha é o II.º e não o 19.º. Eis o motivo porque a Espanha continua a ser — adversário que nunca vencemos!

O primeiro jogo disputou-se em 18 de Dezembro de 1921. O último em 6 de Maio de 1945. Uma derrota sobre o «palmarés» destes desafios. Uma derrota a fecho.



Se recordar e viver — aqui se «vive» mais uma jornada do «team» nacional no 16.º encontro com a Espanha, na Corunha. Figuram na equipa: Cardoso, Tavares da Silva (seleccionador), Feliciano, Valongo, Azevedo, F. Ferreira, Moreira e Amaro; Espirito Santo, Gomes da Costa, Peyroteo, Quaresma e Rafael

E o balanço dá estes números significativos: em dezasseis encontros, quatro empates e uma dúzia de vitórias dos nossos vizinhos da Península! Nem um triunfo; ao menos, a suavizar este «defeito»... E, quanto a golos marcados, vamos com 15 a favor... e 50 contra! Uma das vezes jogamos contra a equipa B da Espanha, no mesmo dia em que a selecção A defrontava a Itália em Bolonha (2-0 a favor dos transalpinos). Nem mesmo assim, senhores, conseguimos vencer...

Ora, se é certo que há na história do Portugal-Espanha derrotas nossas sem apêlo nem agravo, em jornadas de profunda decepção (os 5-0 de Sevilha, em 1929; os 9-0 de Madrid, em 1934; os 5-1 de Bilbao, em 1941), também há outras que não podem lembrar-se sem um estremecimento de magia — porque se filtarão na falta de sorte dos portugueses.

Por exemplo: o 2-1 de 1922, com um segundo gol, de Monjardin, em que a bola entrou vagarosamente nas batizas depois de ricochetear num poste; o 0-2 de 1925, quando na primeira avançada um remate de João Francisco deixou Zamora boquiaberto, sem ver a bola, que a trave descestei...

Uma recuperação brilhante em 1945

E mais... Em 1935, numa recuperação brilhante, fomos de 0-3 a 3-3. Os espanhóis não puderam aguentar a reacção extraordinária dos portugueses. Chegámos a acalentar a esperança de um triunfo — que seria o primeiro. E que nesta altura, quebrado o encanto, talvez já não fosse impossível... único! Mas não. Faltou qualquer coisa. Faltou sorte.

Há dois anos primeiros em Lisboa, depois na Corunha, disputámos dois jogos com a Espanha. Se no segundo, no Riazor, perdemos bem — esta é a nossa opinião — em Lisboa, no Estádio Nacional, bem pudemos ter vencido. Sem favor. Mas, tal como aconteceu noutros desafios,

O grande jogo do dia 26

Contagiem os nossos jogadores



Nunca vencemos este adversário. Que lastima! Há sempre uma «pequena coisa», a embaraçar o nosso triunfo... Aqui estão os vencedores no 16.º encontro: German, Martoreli, Ascenso, Ipiña, Pedrito, Laaguire e Aparicio; Epi, Herrerrita, Zarra, Cesar e Gaizna

hoje em um agrão de arcias, um simpantidéceto, que nos arrebatou um triunfo — que seria legítimo, regular e merecido...

Dentro de menos de três semanas Portugal volta a jogar com a Espanha. É o II.º entre as selecções dos dois países. Para nós, portugueses, o desafio reveste-se de interesse especial. Sim, porque a Espanha, não o esqueçamos até lá, é o tal adversário que nunca derrotámos... Para os espanhóis, ajustados um tanto da neutralidade internacional, desde que se fecharam a sete chaves as portas dos Pirineus, o encontro, por ser quase o único, tem sabor diferente de outros jogos entre as duas nações. De resto, a Espanha exterioriza um desejo: continuar embatida pelos portugueses... É compreensível a vontade de uns e de outros.

Desde o último desafio com os espanhóis que os portugueses não perdem. A França, a Irlanda — que oito dias depois derrotou a selecção de Espanha — a Suíça, Paris, a R. A. F., o Charlton saíram vencidos do Estádio Nacional. Ai, nesse formoso mas desatrigado estádio, esala de visitata do desporto nacional, vamos receber os espanhóis. Não julgamos que eles estão em declínio. Demos-lhes o valor que os resultados com o S. Lorenzo de Almagro reflectaram. Saibamos recebê-los em nossa casa. Mas, por Deus, criamos nos portugueses o ambiente de que eles carecem. Conseqüentem-nos, todos, de que os espanhóis não são invencíveis... Lembrem-nos de que já esteve quase, que já faltou pouco... Que pode ser agora, numa altura excepcional, continuando a carreira brilhante dos nossos internacionais.

Nada de pessimismo!

Nada de pessimismo. Nada de derrotismo. Saibamos dominar o que parece ser um complexo de inferioridades, fatalismo ou coisa semelhante...

Os espanhóis, tenhamos isso bem presente, estão preocupados. Encaram o desafio com apreensões. Mas confiam... A preparação da equipa pode considerar-se começado. No dia 22 os prodáveis defrontarão uma equipa de jovens da 2.ª Divisão, rapazes com menos de 24 anos. Ladeira-se bem o objectivo: na selecção de Portugal há uma linha avançada de moços!...

Ora se os espanhóis confiam — confiamos nós também. O ataque que fez dobrar a cerviz aos franceses, aos irlandezes e aos suíços é capaz do que até aqui tem sido impossível — ganhar à Espanha!

Temos valor para isso. Mas infelizmente, os fatos, a história — essa grande mestra — dizem-nos que é preciso mais alguma coisa. Que é preciso uma tração de sorte. A sorte que tem faltado aos portugueses em muitos dos jogos com os espanhóis.

Mas a sorte, diz-se, protege os ambiciosos. Portanto — que os jogadores de Portugal tenham audácia, que não se aborrezem, que não vão para o campo convencidos que perdem.

Eles não acomoda ninguém!

MANUEL MOTA



## CARTA DA INGLATERRA

# A primeira «visita» olímpica...

chegou a Inglaterra dois anos mais cedo!

JANEIRO de 1947—Especial para «Stadium»—Por FERNANDO MENDES

Assim mesmo: Miss Susan Nador, 19 anos de idade, uma tentação húngara, por ser bonita, loura, um amor de rapariga, — veio de Budapeste fixar-se em Londres, a fim de concorrer aos Jogos Olímpicos de 1948. Veio dois anos mais cedo e o caso está em loco.

Mas apresentemos aos leitores Miss Susan Nador: Considerada uma das melhores nadadoras da Hungria, resolveu abandonar de momento as piscinas do seu país, com os olhos postos no campeonato olímpico e antecipando-se a 200 competidores «magiares» e cerca de 10.000 de todo o mundo.

Principia a treinar-se no próximo mês em Londres, mas à «porta fechada», e até 1948 só naderá em competições oficiais. Entretanto, segundo confidências da bela Miss Susan Nador, julga-se que representará a Hungria contra a França, em Paris, se a digressão do *team* do seu país for um facto. Atravessará a Mancha, acompanhado do seu monitor, sem que isto queira afirmar tendências profissionais.

Tenciona Miss Susan Nador percorrer todos os dias cerca de 1609 metros de água, ou seja a distância de uma milha. Ninguém a viu ainda em acção, porque ela própria o não deseja. Sabe-se apenas que estamos em presença de uma rapariga com extraordinárias possibilidades, que pesa 70 quilogramas e mede 1,52 m. de altura.

E culta esta Miss Susan. Fala inglês e russo. Pertence ao primeiro clube húngaro de natação — o Nememilji Papigyer, e não se dedica apenas a esta modalidade. Joga o ténis com muito entusiasmo, e, na opinião do seu treinador, seria uma grande jogadora se a natação o consentisse. Mas a natação é a sua paixão número um.

A última guerra prejudicou os treinos de natação. Durante o período de ocupação alemã, Miss Susan Nador não pôde entrar em competições e, pouco depois, proibiram-na de treinar. Foi um dos seus grandes desgostos. No entanto, não perdeu nenhuma das suas magníficas qualidades, e num festival a que concorreram as melhores nadadoras húngaras, classificou-se em 2.º lugar nos 200 metros-livres. Correu adonçada, pois teve de levantar-se da cama para competir com a fina flor das suas compatriotas.

Eis, a traços largos, o que vale Miss Susan Nador, dois olhos lânguidos e escuros pelas brisas do Danúbio, 19 anos provocadores e pujantes, selva de mocidade em flor que os ingleses e turistas de todo o mundo devem apreciar e aplaudir nas próximas Olimpíadas.

Por aqui se vê, igualmente, que se pensa muito e sério, em diversos países, na próxima grande competição. Miss Nador chegou dois anos mais cedo, visto que já enche os seus pulmões fortes de autêntico ar britânico, às vezes húmido e escuro, mas lá tem por certo as suas razões e os seus propósitos firmes de vencer.

## O Arsenal «derrotou» o Charlton — O Huddersfield prepara-se para o seguir

A palavra «derrota» significa, nesta altura, que o prestigioso Arsenal em perigo durante muito tempo, deu um selo de categoria, passando para 21 pontos, enquanto que o Charlton, conhecido dos portugueses, é agora o último clube londrino na prova.

Os arsenalistas fizeram tudo para fugir de lugar ingrato. Conseguiram-no com certo brilhantismo, e a tal ponto que o Chelsea está em perigo, podendo ser ultrapassado de um momento para o outro. Vejamos: — 24 jornadas do Chelsea — 22 pontos; 24 jornadas do Arsenal — 21 pontos. Se o Arsenal deixar o *team* de Lawton e de Steffen para trás, veremos o considerado grupo londrino em situação distinta, embora longe do Aston Villa, do Stoke City e do Manchester United, clubes que estão distanciados do bloco de «terceiros».

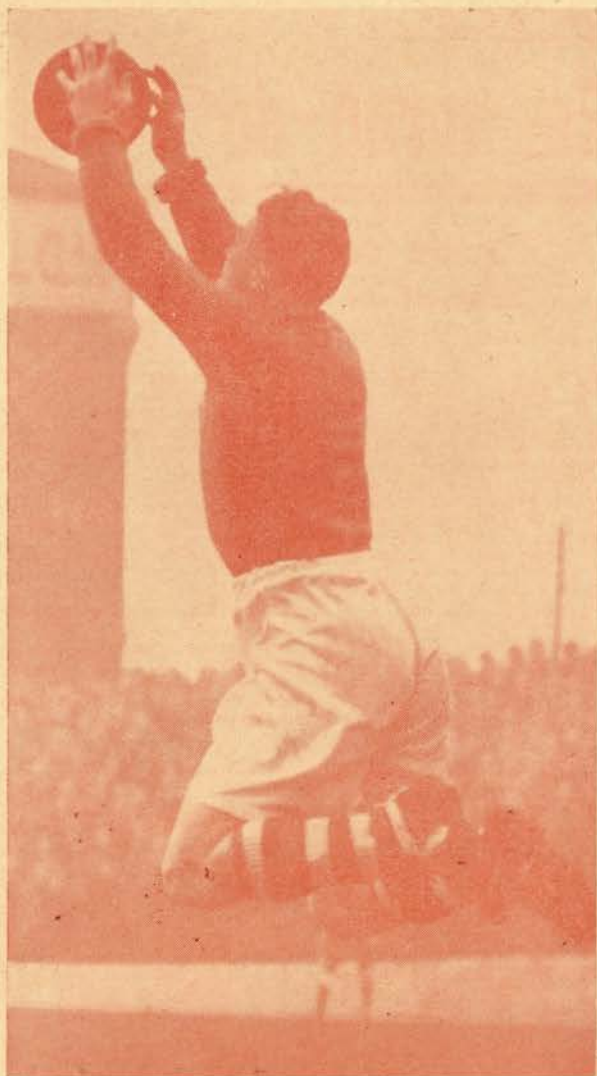
No Campeonato de Inglaterra (1.ª Liga), está o Wolverhampton muito próximo do Preston, conjunto do «soldador» Finney, mais livre do Middlesbrough, Liverpool e Blackpool. O Manchester, Stoke e Sheffield alinham no segundo «andar» da prova, e depois encontramos outro sector, que pretende «discutir» os seus direitos. Lá encontraremos o Arsenal e o seu actual adversário — o Chelsea, disposto a bater-se à maneira de Lawton e de Steffen...

Na altura em que escrevemos, nada se sabe sobre o duelo londrino. Mas quando os leitores da nossa Revista estiverem lendo a «Carta», já se saberá alguma coisa, que infelizmente não poderemos transmitir a tempo.

## O resultado do Portugal-Suíça

Os Portugueses que vivem em Londres, pelo menos esses, não gostaram do empate. Uma equipa que bate a França, e a Inglaterra, que empata com a «Raja» de Matthews, de Smith, de Scol e de Franklin, era favorito indiscutível. Mas notícias posteriores colocaram as coisas no seu devido lugar. Temos tido algum trabalho a explicar aos amigos ingleses da nossa «tertúla» que no último jogo do Estádio Nacional tudo contrariou a nossa equipa. Em Inglaterra recorda-se a vitória recente sobre a Suíça (4-1), mas não se esconde a impressão colhida no facto dos helvéticos pedirem a cedência de Steffen, — prova de muito interesse pelo resultado.

Até em Londres se pensa no próximo Portugal-Espanha. Entre os Portugueses, enão, tudo se prepara para uma «permanência» junto das estações emissoras. E a esperança ainda não abandonou o nosso espírito...



Os guarda-redes ingleses têm estilo. Veja-se como Bartram, *keeper* do Charlton, defende por alto, numa posição correctíssima, salvando um *goal*, no desafio que o seu grupo realizou ultimamente com o Stoke City o célebre clube de Matthews. Bartram, no entanto, esteve em Lisboa, no desafio contra o Benfica, e não conseguiu impressionar grandemente a crítica e o público.



Lá fora, o Hoquel polinado é um dos desportos mais divulgados e que os rapazes americanos, por exemplo, cultivam com entusiasmo e pericla. Em pistas de gelo, admiravelmente construídas, disputam-se desafios renhidos que milhares de pessoas seguem, entusiasmadamente, e vibrando intensamente. Como sucede em quase todas as competições que se realizam na América, também há apostas nestes encontros.



# Em torno do "Grande Torneio do Natal"

## Onde se fala da utilidade das provas de Inverno e se põe em relevo o núcleo de «novos» do Algés e Dafundo

A secção de natação do Sport Algés e Dafundo — dirigida com mão de mestre por Alfonso Gonçalves, Vitor Manuel Leal e Rodrigo Bessone Basto Júnior — caprichou, durante a temporada de Verão, em pôr em prática iniciativas que, saindo da vulgaridade, fomentassem, nos nadadores e no público, interesse pela modalidade. Já nestas colunas se afirmou que tal objectivo foi amplamente alcançado. E para que a obra fosse até ao fim, deram-nos, agora, o *Torneio do Natal*. As provas propriamente ditas, já Stadium dea o merecido relevo. Permite-se-nos, porém, que hoje voltemos ao assunto — que bem o merece. De há muito que proclamamos na imprensa a necessidade de manter os nadadores em constante actividade durante o Inverno, ainda que com objectivos diferentes daqueles que presidem às provas de Verão.

O nadador, chegada a época do «desfeso» — passe o termo — deve iniciar uma preparação algo diferente daquela a que se submete na temporada intensa das competições. A ginástica surge como elemento fundamental. Não podem, portanto, existir-se «tempos» de classe. Interesse, sim, que o nadador vá controlando a sua «forma», dentro do critério que escolhe.

E, de acordo com esta maneira de ver, o *Torneio do Natal* corresponde à sua principal finalidade. A falta de provas gera sempre um natural desinteresse. Há, pois, que contrariar esse desinteresse, fomentando o gosto pelas competições — mesmo em família...

### Mónaco à vista!

Apesar da acolhedora piscina do Estoril, a despeito da já longa existência da piscina «Eduarda Portugal», a verdade é esta: nunca as entidades dirigentes da modalidade deram às provas de Inverno a devida importância. Salvo melhor opinião, talvez não fosse de todo impossível chegar a um acordo com o Estoril ou o Algés, no sentido de que algo se fizesse durante a quadra invernal.

Este ano, porém, o problema é mais grave — que está em causa a representação nacional.

A marcação dos campeonatos europeus para a primeira semana de Setembro impõe a realização de um trabalho metódico e profundo. E só há uma forma de o realizar — efectuando provas durante o Inverno. Come-

çando já a preparação dos nossos possíveis representantes.

Será caso de nada se fazer, nam momento em que está em causa a representação nacional?...

### Os novos — a melhor garantia do futuro

Há colectividades que são autênticos viveiros de gente nova. Das mais conhecidas, citaremos o Barreirense quanto ao futebol; o tão simpático Carnide no que toca ao basquetebol; nos domínios da natação as honras vão inteirinhas para o Sport Algés e

quer ordem pré-estabelecida, citemos, ao acaso, alguns deles — dos muitos que poderíamos mencionar.

Guilherme José Patróni — e aqui surge-nos a primeira dificuldade — pois torna-se, de facto, paradoxal incluir, no grupo dos novos, o «internacional» do II e do IV encontros Portugal-Espanha. Patróni é, no entanto, um «principliante», que não pôde correr nos campeonatos nacionais... mas que será, por certo, um candidato sério à equipa que nos deverá representar em Mónaco.

João Franco do Vale, admirável e correcto especialista de «crawl» de costas. O seu recorde nos 100 metros, para a categoria

rico Rocha Surgey, Dino Velasquez de Mendonça, João Dias Faria Biehinho, Fernando Madeira, Fernando Carmo dos Santos, António Leitão, Lino Beja Apóstolo, e tantos outros.

Não esquecermos, ainda, nesta breve referência, esquecer os nomes de António e Leonel Galo Alves, que as exigências da vida chamaram a terras africanas, mas cuja passagem pela metrópole ficou bem assinalada. O Algés orgulha-se deles e não os esqueceu ainda. Nós também não quisemos olvidar os seus nomes — nama crónica que é de homenagem aos novos.

E, por último, fechemos com chave de ouro: com uma refe-



1



2



3



4

N.º 1 — MARIA LUÍSA MALHEIRO DA SILVA — Esta encantadora garota não possui, ainda, títulos de campeã, nem recordes, pela razão simples que — dada a sua idade — não pode ainda participar em provas oficiais. Mas pode afirmar-se, sem favor, tratar-se da melhor revelação dos últimos anos. E ao «Torneio do Natal» correu três provas — que foram outras tantas vitórias... N.º 2 — EDUARDO MURTA BARBEIRO — um dos mais novos valores do Sport Algés e Dafundo. Possuindo natural intuição para a prática do «crawl» de costas, foi, como é natural, nesta especialidade que Murta Barbeiro estava em evidência no «Torneio do Natal», triunfando com inteiro merecimento nas provas de 100, 200 e 400 metros. N.º 3 — EURICO ROCHA SURGEY — Tal como o seu companheiro de clube — Murta Barbeiro — Surgey é, também, um bom especialista de «crawl» de costas, aliando ao seu «estilo» correcto, boas faculdades naturais de energia e desportivismo. Triunfando nas provas de 100, 200 e 400 metros-costas, para iniciados de 1.ª categoria, Surgey demonstrou bem que continua a progredir... N.º 4 — JAIME FERREIRA MONIZ — dotado de magníficas qualidades de «sprinter», ajustando-se-lhe perfeitamente o título de campeão regional de 100 metros-livres, iniciados. Foi uma figura de relevo no «Torneio do Natal», tendo triunfado nos 100, 200 e 400 metros-livres

Dafundo, que, de há muitos anos, se nos apresenta como verdadeira «fábrica» de nadadores. O recente *Torneio do Natal* veio, mais uma vez, pôr em evidência esse núcleo magnífico de iniciados que o nosso primeiro clube da natação possui presentemente, corolário natural de um trabalho em profundidade realizado com bom critério, numa zona onde a matéria prima abunda.

Esta nossa página de hoje, um pouco uma miscelânea, é essencialmente dedicada aos novos. Aqueles que, não tendo ainda uma posição delinida nem um lugar marcado no panorama da natação lusitana, podem, no entanto, merecê de um trabalho persistente, attingir supremas culminâncias.

E sem nos cingirmos a qual-

de «principliantes» — 1 m. 17,1 s. — lola eloquentemente — é o segundo «tempo» português da distância.

Jaime Ferreira Moniz, campeão regional de 100 metros-livres, iniciados, com a marca de 1 m. 14,5 s. Dotado de excelentes condições para a prática do «crawl» de frente, Jaime Moniz será, possivelmente, um bom nadador de velocidade prolongada.

E os nomes surgem, naturalmente, no bico da pena sem ser necessário forçar a memória: Eduardo Cordeiro, campeão regional de 100 metros-costas, iniciados; António Cerveira de Melo, campeão regional de 100 metros-braços, para a mesma categoria.

A lista seria extensa — Eduardo e Manuel Murta Barbeiro, Edu-

rência às simpáticas nadadoras, a esse friso gentil que, em maior ou menor número, comparece sempre às provas, dando-lhes uma nota de graça e de alegria.

Luclia Angeja, Maria José Meles, Maria Fernanda Ferreira, Maria de Lourdes Teixeira Mendes, Maria Luísa Aradjo, Olga Martins Xeiro, Rita Branco, Maria Celeste Teles, Maria Odete e Maria Fernanda Gaiola, Otília da Conceição Raposo, Regina Dinis Mendes, Maria dos Anjos Rosa e por último, talvez por ser a primeira, a mais nova de todas — Maria Luísa Malheiro da Silva, dotada de invulgares faculdades, que a poderôso tornar, um dia, caso impar na natação portuguesa.

Abreu Torres





Uma defesa do guarda-rede de S. João da Madeira. O jogador sente que a bola está perdida para ele

# Vitoria expressiva do ESTORIL



O avançado centro do Estoril, Osvaldo, procura estorvar a acção de Barbosa. Estão alguns jogadores em movimento



O valor atlético de Alberto Mas Sebas

O tenis foi, indubitavelmente, a modalidade que melhor conseguiu assinalar o começo da temporada de 1947. No primeiro dia do ano principiamos os Campeonatos Internacionais do Estoril (Inverno) — uma feliz iniciativa da Federação Portuguesa de Lawn-Tennis e do Clube de Tenis do Estoril, organismos a quem muito deve o elegante desporto da raquete.

O empreendimento ganhou simpatias porque revelou mais uma vez os propósitos de oferecer aos nossos jogadores proveitoso contacto, os desejos de quebrar a monotonia que invade o meio turístico nestes meses em que a actividade é limitadíssima e, finalmente, porque se proporcionou ao público fiel destas organizações o ensejo de conhecer novos campeões e ver, de novo, em acção, outros que são já conhecidos, mas que pela categoria que possuem são sempre bem acolhidos.

Estão no primeiro caso: Henri Cochet, Francisco Romanoni, Janne Bartrots, Pedro Masip e Mario Szawost;



Robert Abdessellam jogador n.º 4 da França, finalista no Estoril

## BRILHANTE VITORIA de COCHET no CAMPEONATO INTERNACIONAL do ESTORIL

e no segundo: Renato Bossi, Mario Belardinelli, Robert Abdessellam e Jean Moreau.

Esteve, deste modo, representado nos certames o total de quatro nações... se não quisermos fugir ao hábito de considerar o húngaro Szawost como jogador espanhol.

Foram, portanto, disputados por portugueses, franceses, italianos e espanhóis os Campeonatos Internacionais de 1947 do Estoril de equipes da Taça «David» e de individuais.

Cabe-nos hoje referir-nos apenas à primeira destas competições, a outra só no próximo domingo se concluirá.

Prejudicados, na sua regularidade, por causa do mau tempo, os Campeonatos Internacionais do Estoril tiveram o aspecto de uma espécie de torneio de emergência, com jogadores de diversas nacionalidades a disputarem as partidas.

A primeira das partidas, a de duplas, teve como protagonistas os jogadores portugueses, que foram todos os citados, a excepção de Pedro Masip. Foi nos jogos de final encontraram-se na liça seis estrangeiros e os melhores portugueses dos dois tempos. Resulta imediatamente que os jogadores portugueses não resistiram. Do lote de jogadores que se convencionou chamar «novos» apenas Marques e Rosa teriam actuado aceitável ao derrotar Romanoni, opondo-se ao campeão italiano, de modo que

excedeu as melhores previsões. Os restantes, em modo geral, a quem não exigiu que se apresentassem no tanto. Dos portugueses de primeiro plano, Vasco Horta e Costa foi o que mais evidenciou, de tal modo que tivemos a impressão (depois desmentida) de que Cochet tinha decidido jogar em Portugal.

O primeiro do contrato do que lhe é peculiar, a sua regularidade, a sua habilidade, a sua força, a sua velocidade, a sua resistência, a sua coragem, a sua audácia, a sua inteligência, a sua astúcia, a sua elegância, a sua graça, a sua beleza, a sua nobreza, a sua dignidade, a sua honra, a sua lealdade, a sua sinceridade, a sua pureza, a sua simplicidade, a sua humildade, a sua modestia, a sua cortesia, a sua educação, a sua civilidade, a sua urbanidade, a sua galanteria, a sua cavalheiragem, a sua nobreza, a sua dignidade, a sua honra, a sua lealdade, a sua sinceridade, a sua pureza, a sua simplicidade, a sua humildade, a sua modestia, a sua cortesia, a sua educação, a sua civilidade, a sua urbanidade, a sua galanteria, a sua cavalheiragem.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.

Por último, os campeonatos já conhecidos Romanoni não pôde demonstrar todo o seu valor. Já é vimos jogar melhor — em mais brilhante — partida também não no torneio de duplas, com Masip e Szawost.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.

Os restantes não conseguiram revelar-se superiores a muitos estrangeiros que nos têm visitado.



# Superioridade do Minho sobre o Douro

## Os lisboetas não perderam com estranhos — Repetição do Campeonato algarvio — Abandonos justificados

Principiou no domingo o Campeonato da 2.<sup>a</sup> Divisão Nacional — prova que interessa muitíssimo a todos os sectores de Norte a Sul, até os mais modestos. Antes de falarmos no aspecto desportivo do torneio, apontemos os resultados gerais:

**Grupo A — 1.<sup>a</sup> série:** — Mirandela-Celoricense, 3-3; Sp. Lamego-At. Flaviense, 3-2; Vila Real-Flávia, 7-1.

**2.<sup>a</sup> série:** — Desp. Monção-Vianense, 0-2; União Paredes-Leça, 1-4; Ramald-Leixões, 0-5.

**3.<sup>a</sup> série:** — Sp. Fafe-Avintes, 10-0; Desp. Aves-Salgueiros, 2-1; Oliv. do Douro-Gaia, 1-1.

**4.<sup>a</sup> série:** — Académico-Gil Vicente, 5-3; Candal-Ermeizinde, 2-1; Sp. Braga-Infesta, 14 0.

**Grupo B — 5.<sup>a</sup> série:** — Sp. Espinho-Beira Mar, 3-2; Conimbricense-S. L. Viseu, 3-1; Ovarense-Académico-Viseu, 6 0.

**6.<sup>a</sup> série:** — União Lamas-Anadia, 3-2; Naval-Oliveirense, 0-8; Desp. Tondela-União Coimbra (1).

**7.<sup>a</sup> série:** — At. Marinhense-Desp. Ferroviários, 0-0; Leões Santarém-Ginásio Alcoaba, 2-3; Oriental-União Operária, 13-0.

**8.<sup>a</sup> série:** — Sacavenense-Nazarenos, 4-2; Alhandra-Matrena, 3-2; Bombarralense-Op, Vilafranquense, 0-2.

**Grupo C — 9.<sup>a</sup> série:** C. P. Abrantes-União Torreense, 0-1; Casa Pia A. C. Agua Vilafranquense, 4-2; Desp. Peniche-Alverca, (1).

**10.<sup>a</sup> série:** Unidos Montijo-Seixal, 5-2; Futebol Benfica-Operário Lisboa, 6-0.

**11.<sup>a</sup> série:** Desp. Arroios-At. Almada, 2-2; Cuf Lisboa-União Sesimbra, 12-1.

**12.<sup>a</sup> série:** Palmelense-União de Montemor, 6-3; Lusitano Evora-Aldegalense, 1-2; Barreirense-Luso do Barreiro, 4-0.

**Grupo D — 13.<sup>a</sup> série:** S. L. Castelo Branco-Sp. Covilhã, 2-1; At. Egitanense-Pinhelense, (2); Covilhãense-Gouveães, 2-0.

**14.<sup>a</sup> série:** Portalegrense-Sp. Campomaiorense, (3); Sp. Elvense-Juventude, (3).

**15.<sup>a</sup> série:** Ateneu Reguengos-Moura A. C., 1-2; Piense-Luso de Beja, 0-2; União Beja-Cuf do Barreiro, 2-2.

**16.<sup>a</sup> série:** Boa Esperança-Desp. de Faro, 0-3; Portimonense-Lusitano de Vila Real, 2-2.

(1) Desistências de Tondela e do Alverca.

(2) Falta de comparência do Pinhelense.

(3) Não se disputaram por acordo mútuo.

Desistiram da prova, antes dela principiar, algumas equipas. O «seu problema» merece ser apre-

ciado em futuras competições. Na verdade, algumas colectividades da província não podem suportar os encargos que oneram extraordinariamente as despesas de organização, e os exemplos são muitos. Um, ao acaso: — o Desportivo de Tondela, que desistiu, não tiraria na bilheteira importância que chegasse para pagar a um árbitro deslocado de Aveiro e para a série de responsabilidades a pensar nas receitas. Quando tivesse de deslocar-se para Lamas, Oliveira de Azeméis, Coimbra e Figueira da Foz, o *desastre* seria terrível para as magras finanças da colectividade, onde a boa vontade não chega para eliminar estas «pequenas coisas».

O futebol da província (centros modestos) deve ser auxiliado, e por certo não faltam recursos a quem de direito para o fazer. Existem grupos com possibilidades, por aí fora, mas não podem desenvolver-se, atrofiados com despesas incompatíveis. Postos em presença de problema tão grave — desistem. Mas será isso justo?

Dito isto, faça-se agora um ligeiro comentário a resultados da última jornada. Na região norte-

na, um grupo obteve o resultado mais volumoso: — 14-0 do Sporting de Braga sobre o Infesta, da 2.<sup>a</sup> Divisão da A. F. do Porto. O Sporting Clube de Fafe ganhou também por 10 0 ao Avintes, outro conjunto da 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa. Indicam estes resultados que é grande a diferença de classe entre as equipas do primeiro plano minhoto e os adversários modestos da região vizinha?

Deve pensar-se também no facto dos vencidos haverem jogado em terreno adversário. Deve aguardar-se a rectificação, neste e noutros casos.

Sabemos todos que as vitórias do Vila Real, Vianense, Leça, Académico, Ovarense, Oliveirense e Leixões estavam mais ou menos dentro dos prognósticos naturais. A do Desportivo das Aves sobre o Salgueiros por 2-1 já surpreende um tanto. É oportuno este apontamento: — apenas o Académico, da A. F. do Porto, venceu um clube da A. F. de Braga por 5-3 (o Gil Vicente). Logo, os minhos *castigaram* bem na 1.<sup>a</sup> jornada os seus adversários da beira-Douro.

No centro do país, foi notável a derrota dos navalistas por 8-0 — prova de boa forma dos oliveiren-

ses, ex-titulares da 1.<sup>a</sup> Divisão Nacional. Os clubes de Viseu não tiveram sorte: — o Campeão perdeu com o Sport, de Coimbra, por 3-1, e o Académico sofreu grande derrota (6-0) em Ovar.

Mais para o Sul, — boa vitória do Oriental. Os rapazes de Marvila entraram no campeonato bem dispostos e rematadores, forçando o União Operário de Santarém a uma derrota expressiva — 13-0. Nenhum clube de Lisboa, tendo por adversário equipas estranhas à sua Associação, sofreu qualquer derrota ou empate. Claro que entre o Futebol Benfica e Operário o caso era diferente... E já agora uma referência ao comportamento do Futebol Benfica, vencedor por 6 0. Cuf e Oriental mereceram as honras da jornada, neste sector, visto ganharem por margem larga.

De Setúbal até ao Algarve, não se verificaram grandes surpresas. Se nos desviarmos um pouco para a Beira Baixa, encontraremos o Sporting da Covilhã derrotado por 2-1 pelo S. L. e Castelo Branco. Mas o jogo efectuou-se no campo dos vencedores. É atenuante.

Entre grupos do Barreiro, não houve grande luta. O Luso, perdendo por 4-0 com o melhor clube da vila, não terá por certo capacidade para levar a melhor noutra volta, e as vitórias do Aldegalense e Palmense não surpreendem, ao contrário do empate Cuf (Barreiro)-União.

As formações algarvias repetem o próprio campeonato. O Boa Esperança não pôde ganhar no seu campo ao Desportivo de Faro, e o Lusitano, que há pouco fez bons jogos em Espanha, submeteu o Portimonense na sua terra a um empate.

A traços largos — passámos uma vista de olhos pelo torneio da 2.<sup>a</sup> Divisão Nacional. A prova principiou no último domingo e dela não poderá dizer-se mais. Por enquanto — tudo aspirações...

## Mantém-se a incerteza no Campeonato de Juniores sobre o título

SETE jornadas do Campeonato de Juniores da A. F. L. vão decorridas. Isto quer dizer que a primeira fase da prova está em meio, com a «novidade», em relação aos torneios dos últimos anos, de não se terem obtido indicações seguras quanto às equipas capazes de assegurar a passagem à segunda fase do certame.

Mantém-se, sim, a impressão dum maior equilíbrio — de valores entre os vinte e cinco grupos que disputam o título, — condição primordial para que o campeonato decorra com interesse. E, talvez, se possa apontar, também, o seu quê de irregularidade no comportamento das algumas equipas.

Se quisermos olhar o futuro do futebol lisboeta pelo que valem actualmente as suas equipas de juniores, temos de convir que a perspectiva é pouco animadora, que o porvir se apresenta pouco risonho. Nos encontros a que temos assistido

raramente se descortina um elemento que permita fundadas esperanças de vir a ser grande jogador. E, analisado em conjunto, o trabalho das equipas deixa algo a desejar. Em conclusão, não se pode dizer que os clubes esiejam bem servidos de juniores, principalmente os clubes de primeiro plano.

Falámos, atrás, em clubes de primeiro plano. E vêm logo à ideia três nomes: Benfica, Sporting e Belenenses. Os «encarnados», porque viram as suas duas equipas ganharem por margens

convincentes; os «leões», porque voltaram a obter um triunfo próprio de campeões e nítido como só no começo do campeonato haviam logrado; os «azuis», porque chamaram a si o melhor «score» da «ronda».

Mas esta evidência resalta mais dos próprios resultados do que das exhibições feitas. Verdade seja que os jovens jogadores viram a sua acção diluída pelo estado dos terrenos, que tornava a tarefa mais pesada. E, mesmo assim, conseguiram ser superiores aos adversários.

Há entre os concorrentes ao II.º Campeonato de Juniores da A. F. L. um que começa a dar nos vícios. Referimo-nos ao Desportivo Operário, que no último domingo muitos vaticínios contrários ao derrotar, em Marvila, a equipa A do Oriental. Inegavelmente foi uma proeza.

O Estrela Amadora, depois de ter batido o Palmense, deixou-se bater, em casa, pelo Futebol Benfica. E logo por 4-0. Como indicação de pouca irregularidade, não se poderá exigir melhor.

O Atlético, o Cascais e o G. D. da C. U. F. ganharam naturalmente, não obstante a réplica valorosa do Cascalheira, Paço de Arcos e Sacavenense.

Diamantino Dias

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Gusto por número. . . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 » » . . . . .	65\$00
12 » » . . . . .	130\$00



# CONTA-GOTAS

Azevedo é, sem dúvida, o jogador mais azarento do futebol português! Tendo sofrido a fractura da 10.ª costela no domingo anterior ao Portugal-Suíça, ainda por cima foi acometido por uma bronco-pneumonia.

Tratado com os maiores desvelos, Azevedo já se ergueu do leito, devendo retomar contacto com a bola nestes dias mais próximos. Deverá ser quase impossível vê-lo nas redes, no próximo Portugal-Espanha, mas há quem tenha esperanças...

Francisco Ferreira não alinhou no último domingo pelo Benfica. Rogério formou, apesar de estar tocado no tornozelo do pé direito, e Francisco Ferreira ainda não se encontra completamente refeito da rotura muscular produzida numa sessão de treino.

De qualquer modo, e pelos sintomas animadores, estamos convencidos que ambos os jogadores poderão emprestar o seu concurso à Selecção Nacional. Convencidos e certos!

Feliciano, o magnífico defesa nacional, lão em destaque na época transacta, não se encontra este ano na sua melhor forma. Em todo o caso, como o seu concurso se pode considerar indispensável, o grande defesa belesense está a treinar com um afinco que só depõe a seu favor. Ganha mobilidade e torna-se mais elástico. Não nos admiraria nada que Feliciano conseguisse ainda atingir o seu maior rendimento. Assim o desejamos, pelo menos!

Quando Capela, no Portugal-Suíça, deixou escorregar a bola das mãos, parte do público lembrou o nome de Barrigana. O guarda-redes português, atrás das balizas, não se conteve e afirmou para alguém:

— Mas esta gente não compreende, nem sentirá, as condições em que Capela está a jogar...

Parece-nos não ser necessário dizer mais nada para se aquilatar das qualidades morais de Barrigana!

Escartín, o conhecido árbitro espanhol, que veio a Lisboa assistir ao Portugal-Suíça, esclareceu que, desla vez, se jogaria com bola portuguesa.

A pessoa a quem ele fez semelhante declaração não se esqueceu de responder que é «norma tradicional utilizar as bolas do país onde se disputa o encontro internacional». Escartín, de resto, bem o sabia!

Se Azevedo não puder jogar, que é, aliás, o que se tem como mais certo, ou Capela, ou Barrigana, um deles, defenderá as balizas nacionais.

Tanto o guarda-redes lisboeta como o portuense têm dado sobejas provas de merecer tal honra! Tavares da Silva, nosso companheiro de trabalho, dirá a última palavra. Seja qual for, porém, a escolha, acreditemos nos recursos dos referidos jogadores e ainda que eles farão tudo que couber em suas forças para corresponder a essa escolha, honrando o futebol português.

# No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO



O S. Lourenço de Almagro conquistou um grande triunfo na sua estreia, contra o A. Aviação, que foi esmagado por 4-1. O capitão dos argentinos, Angel Zubietta, saiu do terreno aos ombros dos seus admiradores. Sendo espanhol e antigo internacional, chegou a falar-se na sua inclusão na Selecção de Espanha. Ao que se julga, a notícia não tinha fundamento

## POR ESPANHA

Desejamos que a Selecção do vizinho país seja o mais forte possível!

O ambiente do futebol português como que adquiriu uma cor nova. Val-se disputando o Campeonato Nacional, mas toda a gente anda com o Portugal-Espanha na cabeça. O grande jogo, o melhor de todos, actua como poderoso atractivo. Os bilhetes esgotam-se, mesmo antes de serem postos à venda.

De Espanha chegam-nos a todo o momento notícias que traduzem igualmente o interesse dos espanhóis pelo que se vai passar no próximo dia 26.

A ironia de Pablo Hernandez Coronado, de que seria um seleccionador diferente de todos os outros — até capaz de perder contra Portugal! — esconde, no fundo, a certeza de uma vantagem que, nem por ser menos verdadeira, não deixa de constituir a lógica resultante de mais de uma dúzia de disputas.

Apesar de tudo, fala-se em Espanha do jogo e dos jogadores. Citam-se muitos nomes, tantos e tantos, que, ao primeiro parecer, a dificuldade é de escolha. Há, portanto, lá, por onde escolher...

Nestes tempos próximos, começarem a soar aos nossos ouvidos nomes que até aqui não tinham sido empregados, desde os Gonçalos aos Curtas. Mas, à medida que os dias passam, surgem novamente os nomes consagrados, revivendo-se a glória dos Ipinhas. Na fala espanhola, conclui-se que muitos jogadores estão em forma; que este é qualquer coisa de descomunal e que aquele joga como uma catedral! Entrando em linha de conta com todas as informações que nos chegam, julgamos ver um team espanhol mais próximo do modelo da Corunha do que aquilo que a princípio julgávamos.

Hernandez Coronado, bom conhecedor do jogo, resolveu apresentar a selecção espanhola em dois recintos, ambos contra os já famosos argentinos do passe curto e da filigrama. Para solucionar os seus problemas. Segundo as informações que temos — disputou-se o jogo de Barcelona, 7 a 5 a favor do S. Lourenço de Almagro; mas o de Madrid efectua-se amanhã — dá-se um curioso e estranho fenómeno. Enquanto que, nas suas palavras, o seleccionador se mostra adversário das correntes modernas, procede de modo bem diferente nos actos. A tendência geral, assim como o jogo em questão, mostram um propósito de estabelecer o jogo de posição, ou, pelo menos, de adoptar uma tática previamente estudada e concebida.

Coronado afirmou só dar a linha de Espanha na manhã do grande encontro, talvez para evitar discussões que perturbem o rendimento da equipa ou para causar embaraços à tática portuguesa. Seja qual for o objectivo, é indiscutível que a Espanha nos enviará o seu melhor, e que a luta deve ser viva e animada.

Pela nossa parte, queremos que a Selecção de Espanha se apresente na sua máxima força, com todos os seus nomes gloriosos, de maneira que o futebol português se possa prestigiar — perdendo ou ganhando. Que esta última hipótese não nos parece fora de cause.

## Um verdadeiro árbitro

Barrick, o árbitro inglês que dirigiu o Portugal-Suíça, conservou-se em Portugal até ontem, como hospede da Federação Portuguesa, partindo nesse dia para Espanha, onde deverá dirigir, amanhã, o desafio selecção de Espanha-S. Lourenço de Almagro.

Ora aconteceu que, na passada sexta-feira, o fomos encontrar nas Salésias, numa altura em que lá estava o grupo representativo de Portugal, a treinar como qualquer jogador, fazendo ginástica e dando voltas ao campo.

Alguns «internacionais» que, por curiosidade, seguiram o treino, duro, do competente juiz de campo da Inglaterra, tiveram a seguinte exclamação, assaz curiosa:

— O inglês até parece um árbitro português...

## CORRE QUE...

As duas correntes dentro do Benfica já se congraçaram, abrindo-se uma era de paz na vida do glorioso clube. O bom senso acaba de triunfar!

♦♦ Já há mais pedidos para o Portugal-Espanha do dia 26 do que lugares. Isto mostra o interesse despertado pelo transcendente encontro internacional.

♦♦ A Federação resolveu considerar João Azevedo como fazendo parte da Selecção portuguesa, para efeitos de prémio de jogo. Nada mais justo!

♦♦ O organismo máximo do futebol pensa a sério na representação nacional na categoria de juniores. E' provável que os rapazes se apresentem em Londres. Belo incentivo!

♦♦ Joaquim Bogalho, antigo jogador, árbitro e dirigente, que abandonara a chefia da Secção de Futebol do Benfica, regressou à actividade, a instantes pedidos dos dirigentes do clube. Trata-se de um técnico abalizado e de opinião sempre respeitada.

♦♦ A bola que jogou no Portugal-Suíça está em exposição na Casa Peyroteo. Foi a primeira vez que se utilizou uma bola marca Peyroteo, e, caso curioso, o famoso avançado-centro não marcou bola alguma. E' bem certo que santos de casa não fazem milagres.

♦♦ Tem havido vários mal entendidos junto da direcção do Estádio Nacional. Só assim se compreende que a equipa portuguesa tenha preferido as Salésias ao Estádio na última semana. E' espantoso, mas rigorosamente exacto.





Sansão, arrojado e seguro, evita uma entrada de Vitor Baptista. Arsénio segue os movimentos do seu colega e do famalicense



O Benfica esteve quase sempre no ataque. O guarda-rede minhoto foi obrigado a muita atenção e algumas vezes a ser brilhante



Era escusado dizer que a bola chegou às redes... Sansão não a pôde segurar, como se vê

## O BENFICA aproxima-se...



Um remate com a assinatura do Arsénio. Desta vez, porém, as redes do Famalicão foram poupadas



Com a bola bem segura, Sansão defende um remate de Mário Rui e prepara-se para evitar Arsénio



Capela não defendeu esta bola com estilo. Mas defendeu-a com brilhantismo, o que deve ser posto em relevo na legenda



Serafim joga. A sua entrada a esta bola é clássica e decidida, atemorizando o adversário (Passos) e dando confiança a um seu colega (Gomes)



## O VITORIA de Setubal surpreendeu os CAMPEÕES NACIONAIS



O guarda-rede setubalense, Baptista, defendeu sempre com todo o cuidado. Eis como «parou» um remate de Andrade...



Capela não tem só cuidados com a bola. Esta não lhe fugirá das mãos, e sempre é bom um golpe de vista para o movimento de Aníbal Rendas, também guarda-rede de Setúbal



# Comentários

## Criticar

**A** crítica é uma arma de dois gumes na mão de quem dela se serve; construtiva ou destrutiva, orientadora ou provocadora da opinião pública, conforme o grau da sua sinceridade e da sua isenção.

Quem assume a responsabilidade de comentar os acontecimentos, necessita de fazê-lo com o ânimo livre e o espírito desembaraçado de ideias parasitárias que lhe perturbem a razão ou desencaminhem o raciocínio da senda da independência e da verdade. Nos escritos de alguns críticos transparece às vezes, com demasiada insistência, a influência de despeitos e inimizades pessoais; os factos representam para esses, sobretudo, o pretexto para transvasar a bilis dos seus ódios reservados, explorando o que naqueles possa haver de criticável para lançar meia dúzia de alfineladas nos que são alvo dos seus sentimentos pessoais. Vítimas da fraqueza do próprio carácter, destroçam assim o que de aproveitável possa existir na sua actividade no mesmo ou em outros campos.

Acêrca da presença de Filipe Luís e João Silva nas corridas de Barcelona, o redactor da especialidade do nosso prezado colega «Mundo Desportivo» lança violento e despropositado ataque contra os técnicos clubistas e federativos que sancionaram a deslocação. Os objectivos são evidentes; o alvo também.

Escrevemos no passado número de «Stadium» o que pensávamos sobre o caso e, repetimo-lo, consideramos a lição recebida mais útil para o futuro do nosso atletismo e dos atletas interessados, do que a repercussão meramente ocasional de um desaire que em nada afecta o prestígio do desporto português.

O cronómetro e o metro, ao contrário do que se afirma, nem sempre resolvem tudo. O atleta, em competição, não luta apenas contra si mesmo ou contra o elemento material «tempo» ou «distância»; luta também contra a vontade e a tática dos adversários, embaute de inteligências que pode modificar por completo o panorama das situações mútuas ante a diversidade de formas de despende o esforço para alcançar idêntica finalidade.

É preciso cautela com o jogo dos cronómetros, por exemplo: para não anunciar na primeira página, em letra vermelha de palmo, que «o melhor sprinter da Europa é português» e verificar um mês depois que, em competição com a Espanha, só consegue ser segundo e gastar nos cem metros onze segundos e quatro décimos...

## E o atletismo?

**R**eservou a Câmara Municipal de Lisboa um certo número de datas, no programa vasto das comemorações festivas da cidade neste ano de 1947, para competições desportivas internacionais sob seu alto patrocínio. Tal determinação envolve sobejos motivos para agrado e aplauso e os organismos dirigentes da maioria das modalidades, principalmente daquelas que, sendo modestas em recursos, nutrem justificadas aspirações, apresentaram a sua candidatura, algumas anunciadas já como realidades.

O atletismo, que, pela sua categoria, expansão e incremento, devia ter entre nós, como sucede por toda a parte, um lugar de preferência, não figura — que conste — entre os pretendentes. Os federativos esqueceram-se ou chegaram tarde. Falharam a partida.

A ocasião era, no entanto, excelente para realizar qualquer projecto dos muitos possíveis e que servisse para intensificar a propaganda do atletismo, estimular o interesse dos praticantes e trazer ensinamentos aos orientadores.

Os anos passam e a modalidade não sai do ramerrão a que a amarraram o comodismo e a falta de iniciativa dos dirigentes. Estamos em vésperas do fim do biénio de mais uma gerência em que todos depositavam justificadas esperanças: reforma dos regulamentos, expansão da prática pelo país, desenvolvimento dos programas de competições. De todo este plano, o que se cumpriu?

Está para breve o congresso federalivo; esperamos por ele para o saber. E para saber também a quem confiar os destinos do atletismo nacional, tarefa espinhosa, difícil, cada vez mais difícil, e exigindo maiores dedicação, competência e sacrifício.

# ANDEBOL

## Começou o Campeonato de Lisboa

**O** campeonato de Lisboa começou no domingo passado e arquivou logo na sua primeira jornada um resultado sensacional: a derrota por 7-2 com que o Belenenses brindou o Sporting.

Os «leões» ainda não haviam conhecido na presente temporada o amargor da derrota e, em contrário, as exhibições belenenses haviam sido incertas e modestas, pelo que nada fazia prever o resultado que se verificou.

A exhibição dos «azuis» foi excelente e criou-lhes absolutos direitos à vitória, a qual vai ser poderoso incentivo à sua acção futura no torneio; ao invés, a derrota inesperada do Sporting constitui sério embaraço para as suas pretensões ao título.

O grupo da «Cuf» estreou-se com uma vitória sobre «Os Treze», difícilmente obtida, embora pela expressiva marca de 5-2; os adversários mantiveram-se empatados durante grande parte do tempo de jogo e o vencedor teve seu quê de felicidade no chorrillo final que lhe trouxe o triunfo.

O terceiro encontro da Divisão de Honra não se concluiu; Benfica e Oriental estavam empatados a duas bolas quando, por motivo de incidentes que motivaram a expulsão de um dos jogadores, a equipa «oriental» se decidiu a abandonar o terreno. Não presenciámos o desafio, pelo que nos é impossível formular juízo definitivo, mas em qualquer caso é sempre de lamentar uma decisão de abandono, que contraria as normas da boa disciplina e fere as leis do são desportivismo.

Na Primeira Divisão o Almada venceu o Internacional por 2-0 e deu assim um passo talvez decisivo para a conquista do título. O outro encontro marcado não se realizou, porque o campo do Atlético não se encontrava devidamente marcado, pelo que o árbitro não pôde consentir o jogo; em consequência, o Glória embolsa os pontos e o clube alcantarense será castigado com falta de comparência.

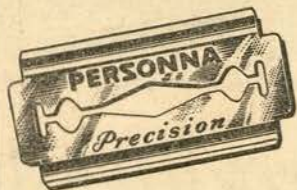
Em meados da semana passada foi anunciado na imprensa o projecto federativo de deslocação da equipa nacional a Espanha, França e Suíça, para defrontar equipas seleccionadas regionais ou disputar os primeiros encontros internacionais da modalidade.

A informação parece-nos bastante precipitada; é seguro que estejam negociações em curso, mas não cremos que haja acordos firmados nem garantias concretas e, nestas circunstâncias, é preferível sacrificar a aspiração de uma «caixa» à cautelosa precaução de evitar precipitações nocivas ao êxito do empreendimento.

A Federação não pode por enquanto sonhar com aventuras; está numa situação melindrosa, que precisa de resolver primeira-



## TAL COMO A LÂMINA PERSONNA



Que se destaca sobretudo pelo seu fio côncavo e flexível, como o de navalha de barbear, afiado e assentado no couro e à prova de oxidação... PARA MAIOR DURAÇÃO. Experimente-a. Far-lhe-á uma barba rápida e impecavelmente como V. merece.

Distribuidores:  
José Antunes d'Oliveira, Herd.<sup>aa</sup>  
Rua dos Fanqueiros, 346-1.<sup>o</sup>  
Lisboa



mente. Há um factor material que é de suma importância nestes planos, imprescindível para os passar ao campo da realidade; sem ele assegurado, tudo é sonho e vale mais às vezes não sonhar, para que não venham depois, ao acordar, amargas desilusões.

José de Eça

Stadium



# BOXE

## PELA AMÉRICA

Enquanto Joe Louis aguarda ocasião de lutar com Elmer Ray, está previsto que se apresentará ao público o mexicano no dia 5 de Fevereiro.

O pugilista chileno Artur Godoy, que já lhe deu réplica por duas vezes, deve ser o adversário escolhido para esse *match* de exibição.

Manuel Ortiz, campeão do mundo na categoria «levisimos», perdeu agora o título em benefício do californiano Harold Dade. O combate, efectuado a 7 do corrente, em S. Francisco, terminou ao 15.º assalto com a vitória de Dade por pontos.

Ortiz manifestara sinais de decadência muito recentemente, ao ser derrotado por Carlos Chavez. Conquistou o título a 7 de Agosto de 1942, vencendo Louis Salica, antigo detentor do campeonato.

O negro Joe Walcott, veterano peso-pesado que disputa a Elmer Ray o direito de se medir com Joe Louis, ganhou uma boa vitória por pontos sobre Joey Maxim, pupilo de Jack Kearns.

Ainda não há pouco tempo, Maxim saíra vencedor por escassa margem, mas, em seguida, empatou com o meio-pesado Jim Ritchie, demonstrando que a vitória antecedente era pouco de fiar, como agora se viu...

Wesley Mouzon, peso leve que derrotara Bob Montgomery por *knockout*, para, depois, perder de igual maneira com o mesmo adversário, abandona em definitivo a vida de pugilista.

Mouzon, um jovem que muitos críticos consideravam como possível titular, está quase cego e foi recentemente operado ao olho direito, molestado por ocasião da desforra com Montgomery.

O conhecido Willie Pep, campeão dos «semi-leves», anda em maré de azar. Há poucas semanas tocara um pé e agora, quando a cura se anunciava, complicou o seu estado porque o avião onde viajava se espalhou.

Pep, embora contuso, encontra-se livre de perigo.

## PELA EUROPA

Emile Famechon, um dos três irmãos pugilistas de oito que estão vivos, e pretendente ao título de campeão francês dos «mínimos», conquistou em Nottingham (Inglaterra) uma brilhante vitória sobre Loe Curran, de Liverpool.

Curran esteve no solo durante o 3.º e o 6.º assaltos, ambas as vezes por nove segundos, mas aguentou-se até ao fim.

Na mesma sessão, outro francês, Paulo Dogniaux, provável adversário de Ned Tarleton para o campeonato da Europa, derrotou Jim Mac Cann, por inferioridade física, ao 7.º assalto, enquanto que Peter Kane, ex-campeão-mundial dos «mínimos», pôs a dormir, em menos de doze minutos, Tommy Madine.

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## NOTA

## DA SEMANA

Onde a mão do homem intervém é de esperar que alguns vícios humanos, mencionados na Bíblia e noutros tesouros de sabedoria legados pelos antigos, acompanhem as boas obras. Assim, se o telégrafo anuncia um escândalo, levantado em redor de determinado acontecimento desportivo, não há lugar para desmedido pasmo nem, tampouco, devemos manifestar-nos insensíveis e frios, possuídos de perpétua descrença. A imperfeição humana é produto das virtudes, como a sombra depende da luz que ilumina os objectos. Ambas existem por contraste e temos que admiti-las como fatalidade inexorável e necessária. Um dos vícios mais nocivos e inúteis que gravitam à roda do desporto é a ganância do lucro pecuniário, que leva ao ponto de falsear resultados, inutilizar o concorrente perigoso, etc.

As corridas de cavalos e, há bem pouco, também, as de galgos têm servido de viveiro aos profissionais da balota e do logro e só uma rígida vigilância, apoiada pelos criadores e proprietários de animais, tem saído vencedora de tal conflito.

A luta grego-romana, luta de poses convencionais mas profundamente bela, decaiu e afundou-se desde que o chique lhe invadiu os domínios. O mesmo sucederá ao boxe, se enverdar sem pudor pela mesma senda.

O que parecia mais difícil de obter — a invasão dos desportos colectivos... — julgamos ter principiado. A onda de corrupção penetrou, nos Estados Unidos, pelo futebol universitário, imitando o que sucedeu há dois anos no basquetebol.

Notícias vindas de Nova York dizem que as direcções das Universidades e das Academias Militar e Naval resolveram suspender a continuação do campeonato, clássico, entre os mencionados estabelecimentos a partir do próximo desafio, disputado pela Universidade de Notre-Dame e pela U. S. Military Academy. A causa desta suspensão é a violência das apostas sobre os resultados, que atingiu, no presente momento do campeonato, cerca de doze milhões e meio de libras.

Isto e a especulação com a venda de bilhetes retirou o controle das entidades desportivas sobre a marcha do campeonato e a sua regularidade.

Muitos elementos estranhos, perniciosos, dirigem do exterior os acontecimentos, oferecendo quantias avultadas aos jogadores para que vendam, assim, a derrota.

Estes factos causam pena, mas não devemos macular o desporto nem os desportistas, mesmo profissionais, porque um grupo de gangsters viu campo de actividades lucrativas num campeonato de futebol. O que há a fazer é policia rígida e intransigente, afastando o perigo da infecção.

Ampluar a tempo...

R. B.

Estão concluídos os campeonatos da U. R. S. S. Na categoria «pesados» ficou vencedor Nicolau Koroley, que, segundo se diz, e a dar crédito às notícias vindas da Suécia e da Finlândia, é dos melhores homens da Europa.

No frontão Fiesta Alegre, de Madrid, efectuou-se a 5 do corrente um sarau de boxe. O combate principal opunha Juanito Martin a Ben Buckler, dois dos mais capazes pugilistas «semi-médios» da actualidade.

No fim do encontro, que teve pouca animação, Juanito alcançou uma vitória por pontos.

No mesmo programa, o conhecido Mariano Hita adormeceu em 56 segundos Caballero e Modesto Ascencio fez outro tanto a Hernandez, mas ao 3.º round.

## NATAÇÃO

### Novo recorde das 220 jardas

Em Filadélfia o notável nadador americano Joseph Verdeur, campeão dos Estados-Unidos, melhorou o tempo «máximo» das 220 jardas (201 m.) de bruços, percorrendo a distância em 2 m. 18 s. e 5 décimos.

O recorde mundial antecedente pertencia ao nadador Hough, em 2 m. e 22 segundos.

Assinem a STADIUM

## EM INGLATERRA

Enquanto os seus perseguidores se digladiam mutuamente, vão os primeiros classificados nas três Divisões da Liga de Futebol Inglesa consolidando os postos que ocupam.

Na Primeira, *Wolverhampton*, cépois de dominado na primeira parte pelo *Blackpool*, realizou vinte minutos de jogo ofensivo do melhor quilate, acabando por vencer (3-1), graças a Pye, Forbes e Westcott.

*Preston North End*, o club que ocupa a segunda posição, ganhou facilmente ao *Grimby Town* (3-0). Desde Setembro que, apenas, perdeu um jogo! O *Middlesbrough*, terceiro classificado, foi batido pelo *Stock City* (3-1); até aos 51 minutos de jogo, havia um empate a uma bola, mas, em seguida, Mitchell bateu Cummings, duas vezes, apesar do esplêndido trabalho do guarda-redes do grupo vencido.

*Liverpool* continua em 4.ª posição, a 7 pontos do primeiro, tendo perdido com *Chelsea* (3-1). Lawton efectuou um melhores jogos da presente temporada, o mesmo acontecendo a Albert Stubbins, do grupo vencido. A luta esteve indecisa até ao final e a exibição dos dois grupos contentou em absoluto os 58.375 espectadores que pagaram bilhete.

*Arsenal* recupera o perdido, enquanto que *Charlton* está em risco de baixar de Divisão. Os arsenalistas bateram *Sunderland* (4-1), que assim registou a sétima derrota consecutiva em casa! O clube de Happy Valley, ainda há pouco saído da 3.ª Divisão, subindo depois, sucessivamente, até a finalista da Taça e da Liga, não tem linha de ataque.

Agora succumbiu por 4-1 diante de *Manchester United*.

Na 2.ª Divisão, o *Manchester City* tomou a dianteira ao *Burnley*. Bateu, por 1-0, *Chesterfield*, enquanto que aquele ganhou de igual maneira ao *Birmingham City*.

O *Newcastle* dominou *Swansea Town*, penúltimo classificado, por 2-1. Deste modo, a classificação dos primeiros manteve-se:

*Manchester City* (36 pts.); *Burnley* (33); *Birmingham* (32) e *Newcastle* (32).

Na 3.ª Divisão (Norte), *Doncaster* cedeu um empate com *New Brighton* (0-0) e *Cardiff City* imitou-o na zona Sul, diante de *Notts County* (1-1). Apesar disto, a posição dos dois leaders é ainda sólida e só o *Queens Park* vai na pegada do Cardiff.

No sábado efectuou-se a terceira volta da Taça de Inglaterra. Dos 64 clubes concorrentes ficaram apurados 32, mas ainda se ignoram os resultados à hora em que escrevemos.



# BOAVISTA 2 ATLETICO 1



Baptista, numa intervenção enérgica, evitou na melhor altura uma carga de Castelo II



Gregório «americano» os efeitos da bola, com a cabeça, e domina a defesa do adversário, cuja posição é «fatal» para a jogada



Luzia, enérgico avançado português, conseguiu exitar Lopes mas não «passou» Castro. A posição do alcantarense é vantajosa

# JUNIORES



## O BENFICA confraterniza



Dos grupos de juniores, como não é novidade, tem saído admiráveis jogadores de futebol. Todos os clubes de primeiro plano, se repararmos bem, possuem elementos chegados dos seus grupos de «principiantes», e por isso não surpreendem os cuidados postos na sua preparação.

Actualmente estão a disputar-se vários campeonatos regionais, e o de Lisboa tem marcado pela sua importância, pelo número de concorrentes e pelo interesse do público. Domingo a domingo, pela manhã, enchem-se os campos, e os rapazes já recebem aplausos pela excelência do seu trabalho.

A nossa Revista, procurando contribuir para o salutar entusiasmo dos jovens, segue-os como lhe cumpre. Assim, publicará sempre que possa a fotografia dos grupos concorrentes. Eis algumas, de cima para baixo:

Sport Lisboa e Benfica (A), Sporting Clube de Portugal (B), Oriental Futebol Clube e Desportivo Operário.

O futuro é deles. Cui adosamente, podem chegar aos melhores lugares. Oxalá! — para bem do futebol.

Benfica nunca perde a ocasião de se revelar uma colectividade grande. A sua massa associativa acode a todas as chamadas, seja qual for o motivo da convocação. O que sucedeu agora? Sempre o mesmo motivo: — provar a categoria do clube, livrando-o de atritos ou dissidências. Um alívio amigo e todos os corações ligados pelos mesmos anseios do futuro do seu futuro



OS NOSSOS GRANDES CAVALEIROS INTERNACIONAIS

## III — José Beltrão



JOSÉ BELTRÃO

O capitão José Beltrão, cavaleiro internacional e olímpico de comprovado valor, é sem dúvida um dos nossos mais populares concursistas e daqueles que tornaram mais conhecidos os seus nomes, não só entre os assistentes habituais às provas hípcas como também no meio desportivo em geral, merecendo a sua actuação em concursos realizados no país e no estrangeiro, onde obteve magníficas classificações.

Se é uma verdade que José Beltrão venceu logo em 1925 as suas boas qualidades de concursista — a sua primeira vitória data desse ano e foi conquistada na «Taça de Honra» do Concurso da Figueira da Foz — não é menos verdadeiro afirmar-se que a

popularidade lhe adveio a partir de 1934, ano em que registou um bom somatório de êxitos, graças também à forma e à categoria dos seus dois mais famosos cavalos — o «Biscuit» e o «Fossette».

A sua fama de cavaleiro de bons recursos começa a impor-se e até a correr mando, visto que participou em quase todas as nossas equipas que de 1929 a 1939 tomaram parte, em representação nacional, nos concursos disputados em Nice, Roma, Bruxelas, Londres, Madrid e Barcelona, alcançando êxitos notabilíssimos.

O seu honroso «palmarés», onde ligaram triunfos valorosos, regista 11 vitórias obtidas no estrangeiro e entre estas o «Prix des Grands Hotels» e a «Taça da Cavalaria Belga», montando «Alerta», em Nice no ano de 1932; as mesmas provas e ainda a «Taça da Cavalaria Espanhola», com «Fossette» e «Biscuit», no mesmo concurso em 1933; a «Inauguração» e a «Taça da Cavalaria Espanhola», com as mesmas montadas, em Madrid, também em 1933; «Prix de l'Arcade», em Bruxelas em 1936; «Taça da Cavalaria Portuguesa», em Nice, e «Taça Challenge Jorge V», em Londres, ambas em 1938 sobre «Fossette».

Em 1930, quando Isens Ferraz, no «Marco Visconti», ganhou o «Grande Prémio de Madrid», José Beltrão na «Basquaise» conseguia com brilho o 2.º lugar, valorizando ainda mais a nossa classificação nessa prova.

Entre os doze «Grandes Prémios» que obteve ligaram o do Porto (1929); Lisboa (1934); Caldas da Rainha (1931-1934 e 1938) e Figueira da Foz (1931 e 1934).

A sua boa estrela começa a empalidecer em 1939, não por perda de qualidades, mas porque perde as suas duas grandes montadas — o «Biscuit» morre e a «Fossette» foi trocada por um outro animal, com o qual o ilustre cavaleiro não se entendeu e foi pena.

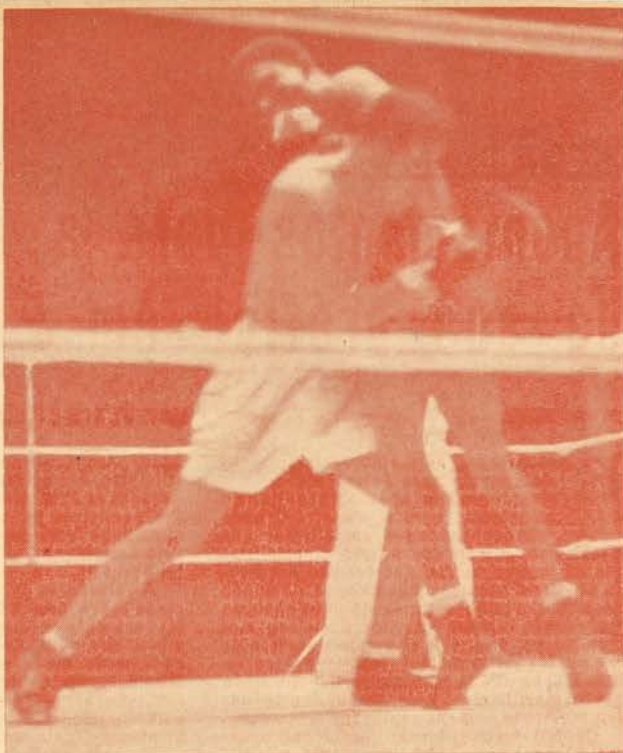
Entre os seus inúmeros cavalos é justo destacarem-se o «Damasco», o «Pigeon Shooting», o «Alerta», a «Basquaise», a «Fossette», o «Biscuit», o «Montes Claros» e recentemente o «Kirsh» e o «Squalos», com os quais obteve em 1945 três boas vitórias.

Cavaleiro olímpico em 1936, foi em Berlim individualmente o 6.º classificado entre 54 concorrentes, contribuindo admiravelmente para a boa classificação da equipa portuguesa, que ocupou o 3.º lugar, entre 18 nações. Montou nos Jogos Olímpicos o cavalo «Biscuit».

Cavaleiro e desportista com mais de 50 vitórias, e outras tantas 2.ªs classificações, o capitão José Beltrão não quer abandonar já a actividade e, se no ano passado o revelara apresentando muito bem o seu jovem «Squalos», este ano foi deabalado para França, onde adquiriria uma égua que vai trabalhar com cuidado para que a sua carreira desportiva não linde já.

Isso lhe desejamos sinceramente e conhecemos todos os desportistas portugueses, entre os quais José Beltrão conta grandes admiradores, que ainda não esqueceram o muito que lhe deve o desporto hípcico em Portugal. Não olvidemos que só no ano de 1945, além das sete vitórias e dos cinco 2.ªs prémios que obteve, foi o cavaleiro 1.º da classificação geral em Roma, Madrid e Lisboa e o 2.º em Nice.

Antas Teixeira



Um dos muitos «corpo-a-corpo» do combate Larsen-Wilson, durante os quais os pugilistas se socaram amigavelmente e sem dano

BOXE PROFISSIONAL NO COLISEU

## Carlos Wilson perdeu com Jorge Larsen

depois de dez assaltos monótonos

O que foram os outros combates da sessão

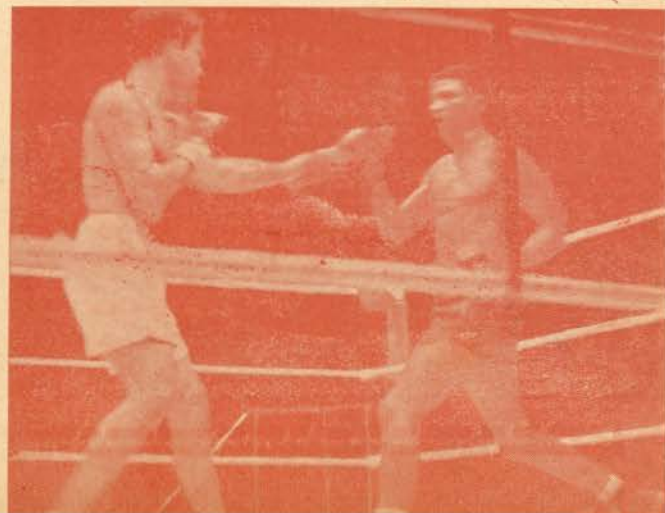
O campeão de Portugal da categoria «meio-médios», Jorge Larsen, demonstrou na semana linda, no público que enchia o anfiteatro do Coliseu dos Recreios, não possuir atributos indispensáveis de pugilista acabado e proficiente...

As tabas da propaganda haviam feito ecoar pelos gazetas — dando no caso toros de cosevilhice desnecessária e imprópria das

lides do desporto — a existência de rancor pessoal entre Larsen e seu conterrâneo, Carlos Wilson. Nesta ânsia de ver dirimida a aversão mútua, que triste publicidade trouxe a lume, o público apresentou-se em quantidade, na noite de 7 do corrente, em frente dos bilheteiras do Coliseu.

(Continua na página 18)

Larsen e Wilson medem-se com a vista. O campeão, contraído, enseia um «jab enter de golpes» com o punho direito. Wilson, em movimento, aguarda o ataque



# Stadium

Desde o n.º 1, 2.ª Série, cada exemplar custa 2\$50

Stadium



## ATLETISMO

# Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

## IV — Os 800 metros

**E**mbora todos os melhores tempos oficiais portugueses datem dos últimos vinte anos, de após o interregno coincidente com a primeira Grande Guerra, não tenho dúvidas em afirmar que o mais bem dotado dos nossos especialistas dos 800 metros correu nos tempos heróicos do atletismo nacional: chamava-se Armando Zuzarte Cortesão e ainda que nos anais da modalidade estejam inseridos, como seu melhor tempo, 2 m. 13,4 s., existe a certeza de que ele fez muito melhor resultado fora da fiscalização oficial portuguesa, um resultado que o classificaria, hoje ainda, dentro dos seis melhores homens na distância.

Os 800 metros foram considerados durante longos anos, até bem recente actualidade, como prova de meio-fundo curto, corridos por isso em andamento regular com embalagem final a decidir; a sua interpretação, actualmente consagrada, como prova de velocidade prolongada é da geração contemporânea e do facto se ressentem os tempos conseguidos no país, sobretudo porque os campeões, salvo raras ocasiões excepcionais, sempre correram e correm para ganhar, dependendo apenas o esforço necessário para tal.

A prova foi incluída pela primeira vez nos Jogos Olímpicos Nacionais de 1910 e nela participaram onze corredores. Venceu Matias de Carvalho, um especialista de longas distâncias, em modestíssimos 2 m. 23,8 s., que dizem eloquentemente como o percurso foi feito pelos competidores; precedia na meta, de meio metro apenas, José Stomp, o mais velho dos saudosos irmãos, que se atrasara à partida e não conseguia, apesar de enérgica perseguição, recuperar por completo o terreno assim perdido.

No ano seguinte a prova foi substituída no programa dos jogos pela corrida do quilómetro, reaparecendo porém em 1912; fácil vitória de Cortesão em 2 m. 15,6 s., tempo pouco expressivo porque trazia apenas o esforço suficiente para dominar os adversários, muito inferiores à classe real do ven-

cedor. Assim o compreendeu o Comité Olímpico, que seleccionou Cortesão para os jogos de Estocolmo, onde, em 6 de Julho, participou na 3.ª eliminatória e se classificou em segundo lugar, batido pelo americano J. P. Jones, cujo tempo foi 2 m. 1,8 s.

A referência do livro oficial da Olimpíada sobre esta corrida é a seguinte: «O português conduzia a corrida durante a primeira volta, que foi percorrida em andamento moderado. Jones, ao sair da última curva, alongou a passada e deixou Cortesão à retaguarda; este conseguiu, no entanto, manter o seu lugar de segundo até à passagem pela meta».

Segundo as recordações que me foram transmitidas muitos anos depois por Armando Cortesão, ele veio à cabeça do pelotão até à recta final, onde foi passado por Jones, mas não perdendo mais do que um metro escasso. Sendo assim, a marca do campeão português deve ter orçado por 2 m. 2 s.

Na meia-final, disputada no dia seguinte, Cortesão foi vítima de uma cimbra, que o forçou à desistência.

No relatório do chefe da equipa, Fernando Correia, encontra-se a seguinte referência: «Mais feliz nessa tarde foi Armando Cortesão, que disputou a sua série de 800 metros. Fez uma prova magnífica, bem disputada e rija. Classificou-se em 2.º lugar, isto é, com direito a ligar nas meias-finais, classificação que lhe foi rijamente contestada por um italiano, a quem venceu por 60 cm. de diferença. A série era de mais de cinco concorrentes. Era este o primeiro triunfo da equipa portuguesa, suficiente para nos orgulhar, porque fomos pela primeira vez a concursos internacionais em competição com os mestres do atletismo mundial. Cortesão foi vitornado e já nos treinos a sua passada havia impressionado os técnicos americanos, a tal ponto que foram medida e verificar se o «outsider» português não seria um perigo para os seus favoritos.

Em 1913, a superioridade de Cortesão



Abílio do Nascimento, ao decurso dos 800 metros do I Portugal-Espanha disputado em 1925 no Estádio Metropolitano de Madrid.

no concurso da Semana de «O Mando», em manteve-se incontestável; venceu a prova tempo não registado, mas que deve ter sido iraco, pois nenhum dos seus três únicos adversários pôde oferecer-lhe a mínima resistência.

Nos Jogos Olímpicos voltou a triunfar em 2 m. 13,4 s., o melhor tempo que lhe foi averbado em Portugal, e no concurso inter-escolar, que foi o mais interessante até hoje realizado no país, absteve-se de participar, reservando-se para as provas de velocidade, o que permitia a Salazar Carreira uma vitória inesperada em 2 m. 18,8 s., recorde universitário.

Com a indicação da actividade em 1914, líquida-se um período brilhante do nosso atletismo; o primeiro concurso da temporada foi o inter-escolar, verdadeira antítese do anterior, iracamente concorrido e no qual César Machado venceu os 800 metros, sem adversários, em 2 m. 46,4 s.

Os dois campeões nacionais (Sociedade Promotora e Federação) foram Salazar Carreira em 2 m. 20,4 s. e Francisco Rocha em 2 m. 12,2 s.

O favorito dos 800 metros nos Jogos Olímpicos era Matias de Carvalho, que à última hora decidiu não alinhar; em consequência, Salazar Carreira, seu companheiro na equipa sportinguista, tomou-lhe o lugar e conseguiu impor-se numa distância que não era de sua especialidade, após uma luta ardorosa com Henrique Galvão, que bateu por um peito.

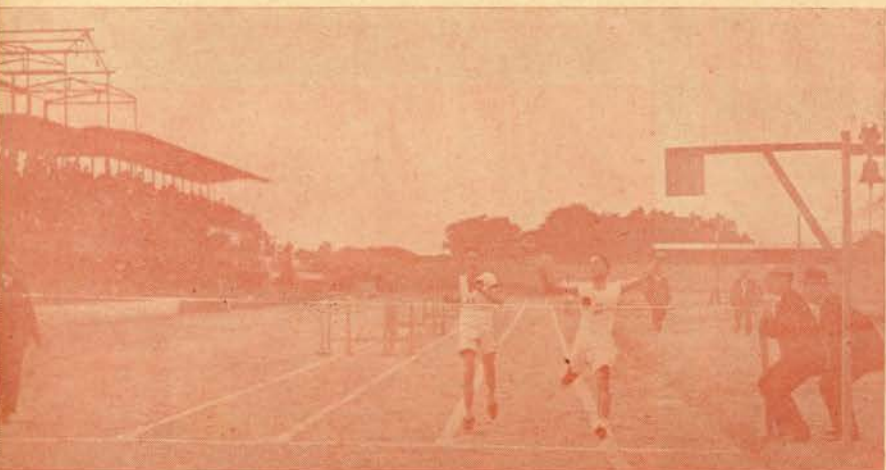
Com esta vitória, o atleta leonino conseguiu completar uma proeza única em Portugal: conquistar no mesmo ano seis campeonatos nacionais de corrida: 100, 200, 400 e 800 metros, esteletas de 4x100 e 4x400 metros. O torneio atlético olímpico nacional de 1914 foi disputado na pista do Estádio do Lumiar, inaugurado na ocasião e cujas instalações não estavam ainda concluídas como pode verificar-se pela fotografia que publicamos.

A partir desta época entramos em período de franca crise. Em 1915, Francisco Rocha triunfa na única prova oficial, cujo tempo não conseguimos encontrar registado na imprensa, pois em arquivos federativos nem sequer é possível pensar.

Com a iniciativa do Sport Lisboa e Benfica ressurgem três anos depois, em plano particular, as competições de atletismo e nos 800 metros revela-se novo valor; o benfiquense Artur Santos, vencedor em quatro anos sucessivos e que em 1920 conquistou o recorde nacional com 2 m. 10,4 s.

Artur Santos, sem dúvida o melhor especialista do seu tempo, era de figura comparável a Matias de Carvalho, Joaquim Alvarez, António Gonçalves ou Arnaldo de Sousa, franzino, escassas massas musculares, maior energia nervosa do que poder atlético, de um tipo que durante longo prazo foi predominante nos especialistas portugueses da distância.

Salazar Carreira



A chegada dos 800 metros nos Nacionais de 1914, com escassa vitória de Salazar Carreira sobre Henrique Galvão. Este torneio serviu para inauguração do Estádio do Lumiar, cujas tribunas ainda se apresentam com a cobertura incompleta.



# Como formamos a nostra selecção ideal



O canário Moloway, que recentemente ingressou nas fileiras do Real Madrid, é hoje um dos jogadores mais famosos de Espanha. Há quem mantenha a opinião, no vizinho país, de que deveria ocupar o posto de internacional

Madrid, Janeiro, especial para «Stadiums», de Ramon Melcon.

TINHA grande importância para os espanhóis o encontro Portugal-Suíça jogado no transacto dia 5 em Lisboa. E era lógico que assim fôsse, pois importava muito saber o verdadeiro valor actual do conjunto nacional português que dentro de duas semanas, será o adversário da selecção espanhola.

E, verdadeiramente, ficámos sem saber o que pensar... A circunstância do temporal ter influído no jogo até ao ponto de não ser normal o desenvolvimento do mesmo, fez com que a incógnita se mantenha. Sabemos, sim, pelas crónicas da imprensa portuguesa, que os seus jogadores não deram todo o rendimento que se esperava, mas é evidente que sobre um terreno encharcado, tinha de perder muito o jogo lusitano, ao mesmo tempo que os suíços, mais acostumados ao barro e à água, se desenvolveriam melhor que os seus adversários.

Assim e todavia, um empate é um resultado bom, como dizia Tavares da Silva há uns dias. Se se tiver em conta, ainda que faltou Azevedo e que Francisco Ferreira, o melhor médio português, tão pouco pode alinhar, o resultado sumenta de valor. Os espanhóis continuam acreditando que Portugal é uma potência futebolista de grande classe e que o desafio do dia 26 há-de constituir para eles uma prova de grande dificuldade.

A selecção espanhola depois da partida-treino do dia 1.º em La Corte frente aos campeões argentinos, não voltou a dar sinais de vida. Anuncia-se um último e definitivo encontro para amanhã, no Estádio Metropolitano, também tendo como adversário o S. Lourenço de Almagro. E diz-se também que a equipa que alinhará no Estádio Nacional, com as cores espanholas, será muito diferente da que jogou em Barcelona. Isto quer dizer que o nosso seleccionador Hernandez Coronado, não tem decidido, nem aproximadamente, o conjunto que apresentará no magnífico estádio do Vale de Jamôr.

Isto não é novo em Espanha. Sempre, por falta de datas disponíveis para preparar a equipa nacional, esta teve de sair do campo sem uma verdadeira preparação de conjunto, e os seus homens tiveram que improvisar no terreno do jogo a tática a seguir, o que prejudicou naturalmente a Selecção, não obstante haver-se conseguido bons resultados em muitas ocasiões.

E' evidente, que, se fôsse possível, saber a classe e o valor dos seleccionados, uma preparação adequada, o rendimento do grupo tinha de ser superior; mas pa-



A selecção espanhola que, em 1941, nos venceu em Bilbao. Já havia socêgo no país, e o futebol espanhol inicia uma nova fase da sua história. A experiência de alguns antigos internacionais junta-se à esperança dos novos elementos

rece que os espanhóis estão condenados a não jogar nunca um par de desafios antes de disputar um jogo internacional. Uma ou outra rara excepção havida só serve para confirmar a regra.

Significa isto que somos pessimistas ante o sensacional encontro? Nada disso. Confiámos na «classe» de muitos dos homens que têm provavelmente de serem eleitos para formar a equipa nacional.

Porém, devemos ver que, enquanto os portugueses se ocupam de treinar convenientemente a sua selecção, até o ponto de terem já, excepção para dois ou três postos, a selecção feita, em Espanha estamos ainda a pensar na possibilidade de «provar» homens que não têm a menor probabilidade de serem eleitos.

Os últimos encontros celebrados devem ter feito vacilar o seleccionador. Dos que jogaram contra o S. Lourenço — equipa que acaba de empatar com o Atlético de Bilbao em S. Manés — desilodiram os defensas, o médio-centro e alguns avançados. Concretamente, Alvaro, Curta, Fábregas, e Escuderr. Tão pouco Herreteria fez grandes coisas

Logo, nas partidas da sétima jornada da Liga, o Valencia, em cujo trio defensivo formam Eizaguirre, Alvaro e Juan Ramon, ganhou com dificuldade ao Celta, em Mastacha; o Espanhol, com Fábregas a médio-centro, perdeu na Corunha depois de um desafio sem alma e sem brio; e o Atlético de Madrid, com Escudero a extremo-esquerdo, succumbiu no seu próprio campo ante o Sabedell, em um desafio durante o qual o provável internacional teve uma das suas piores actuações, e Aparicio falhou bastante na defesa. Pelo contrário a parêlha defensiva do Madrid

afirma-se dia a dia; Ipiña volta a ser o mestre de médio-centro; Zarra, avançado-centro; do Atlético bilbaíno, marca «goals» como nas suas melhores épocas, e se superam em jogo o médio visesinho Bertol, e o seu companheiro de equipa, Nando, médio-esquerdo. Tudo isto representa um verdadeiro des-concerto de valores que pode muito bem desfazer alguma das combinações que Hernandez Coronado tivesse como definitivas.

Não sabemos que jogadores estarão em melhores condições no dia 26.

Mas se hoje nos pedissem a «nostra selecção ideal» da-la-íamos sem vacilação alguma: Trio defensivo do Madrid, médios-alas, do Barcelona e centro também do Madrid; e uma linha avançada com jogadores de várias equipas escolhidas de entre os de maior classe.

Em resumo, a seguinte equipa: Bañon, Clemente, Corona, Gonzalvo III, Ipiña, Gonzalvo II, Epi, Arza, Zarra, Campos e Galza. E se continuasse a acentuar-se o abasxamento de «forma» de Campos, substitui-lo-íamos pelo canário Moloway, interior esquerdo do Madrid, um dos homens mais técnicos, mais serenos e mais perigosos de quantos correm hoje por terrenos de Espanha.

Seja como for, temos lá nos nossos representantes. Há homens de classe; fortunadamente vão já abundando. E se a isto se acrescentar a adaptação de uma tática como a empregada pelo Madrid em frente do S. Lourenço, muito semelhante à portuguesa, comprida que foi firmemente pelos jogadores brancos, a nossa confiança converter-se-ia em franco optimismo.

R. M.



A famosa Selecção de Espanha comandada por Zamora — era então o tempo dos Regueiros, dos Cillauren e dos Langarans — que, em Chamartin, em março de 1934, jogou brilhantemente contra a selecção portuguesa



## O «TORNEIO DO NATAL»

fechou com brilho

Depois do «Grande Torneio do Natal» — três jornadas que decorreram por forma a deixar scadades — a secção de natção do Sport Algés e Balando ofereceu-nos, neste segundo domingo de 1947, mais um belo festival, também com seu sabor de ineditismo, e a a' estar, mais uma vez, não só o desejo evidente de movimentar os nadadores, mas também o de, com base na constante alteração de programas, espreitar o interesse do público pela prática de uma modalidade que nada justifica que esteja inactiva durante a temporada invernal.

E a jornada de domingo último — fecho condigno de uma série de organizações, a todos os títulos brilhante — correspondeu admiravelmente à expectativa. O público compareceu em número regular e a inscrição reunia os melhores valores do S. A. D. Nestas condições, assistiu-se a belos «sprints», disputados com energia e vibração. As provas de 50 metros — quando bem disputadas — são assim: emocionantes, e a luta decide-se, palmo a palmo, quase sobre a meta.

De modo geral não houve surpresas. Os nadadores classificaram-se normalmente — dentro das suas actuais possibilidades.

Para Guilherme Patroni foi, como é natural, o melhor resultado da jornada: 28,3 s., após um belo percurso de 50 metros-livres, corridos nas suas características habituais de estilo, ritmo e classe.

Atrás dele, sensivelmente dentro da mesma bitola, Pereira Bastos (31,1 s.), que não é um es-

pecialista da distância; Artur Malheiro da Silva (32 s.) e o jovem e esperançoso Jaime Ferreira Moniz (32,6 s.) — deram-nos a melhor sensação de velocidade, numa prova como os 50 metros, que exige de tudo um pouco, desde o espírito de luta ao basilar pormenor da respiração.

Noutro grupo, temos que salientar os percursos de Eduardo Cordeiro (33 s.), Rei Fernando de Almeida (33,4 s.), Eduardo Marta Barbeiro e Amílcar Nabais da Cruz, ambos com 33,8 s.

E' curioso salientar que os «iniciados» e os «princiantes» tiveram, nesta interessante jornada de domingo, um papel de relevo. Fernando Esteves Madeira e Carlos Alberto Prata Dias (34,8 s.), Alfredo Rodrigues (34,5 s.), Carlos Franco do Vale (34,7 s.) e Orloff Esteves (35 s.) são outros tantos nomes a fixar, nomes de uma lista que seria longa, porque o Algés apresentou um bom núcleo de gente nova. E na impossibilidade de citar todos, fechemos com chave de ouro — com Regina Dinis Mendes, a única nadadora presente, ereditada nuns animadores 49,8 s.

Terminadas as provas, procedeu-se à distribuição dos prémios do «Grande Torneio do Natal». Para essa cerimónia simples mas significativa, teve a secção de natção do S. A. D. a gentileza de convidar o signatário. Que esses três centenas de medalhas sejam um estímulo precioso para os contemplados trabalharem mais e melhor — são os nossos votos sinceros.

Abreu Torres

## Caminhos errados

A primeira das bases doutrinárias da teoria «cobertiniana» de renovação olímpica estabelece para o desporto lanções de aproximação entre os povos, de agente activo de fraternidade universal.

O sino olímpico, que tangeu pela última vez em Berlim, chamava ao estúdio, para compair sob as leis da leal camaradagem, a juventude de todo o Mundo. Ao apelo do desporto despareciam reservas e dissidências, em regime de igualdade de direitos e deveres ante a única imposição de acatamento dos preceitos e regras desportivas; reuniam-se representantes de todos os povos, sem excepção, porque cessavam à porta do estádio as lutas sociais e os antagonismos políticos.

O desporto, elemento de paz entre os homens, só admitia objectivos de aproximação; as grandes organizações olímpicas, os superiores organismos internacionais abriam as suas portas, pelo princípio fundamental dos seus estatutos, a todas as nacionalidades onde existisse — única exigência formalda — uma hierarquia desportiva legalmente reconhecida.

Os tempos mudaram, e assistimos hoje ao lamentável renegar dos preceitos universais de Coberlin, à Intromissão da piec política nos assuntos desportivos, à transplantação para o campo desportivo dos ódios, das adversidades, dos ressentimentos que opõem nestes tempos agitados os regimes políticos em que vivem os diversos povos do Mundo.

Anuncia-se, assim, a exclusão de certos países da inscrição para os jogos de 1948; caberá tal determinação no rigor doutrinário das teorias psicológicas que anularam o espírito de Pierre de Coberlin na renovação contemporânea do olimpismo?

Abusando da força que lhe confere uma maioria de votos, os países eslavos impuseram em certas lerações internacionais a irradiação da Espanha, cujo governo lhes desagrada politicamente. Que tem o desporto a ver com essas divergências?

Caminhos errados, onde se desvirtuam os mais nobres fins dos propagandistas e apóstolos da ideia desportiva; caminhos errados, pelos quais cada vez mais se separam os homens, se exacerbam desinteligências, se perde o conceito do desporto.

## A última sessão

do Coliseu dos Recreios

(Continuação da página 15)

Foi, na verdade, um êxito de pednia para a empresa, mas os espectadores saíram justamente aborrecidos porque o famigerado duelo redundou numa sessão de treino mais áspera do que é habitual.

Larsen mostrou-se profundo na incapacidade manifesta de vencer com galhardia um adversário sem ramo nem norte, que não sabe — sequer! — fechar os panhos para executar os socos. Desde o primeiro ao décimo assalto via-se cerca de quarenta lases de luta corpo-a-corpo e jamais se assistia a uma de boa esgrima, a distância ou de perto, conforme preconizam os cânones.

Também não houve aquele duelo violento, natural entre dois homens que se detestam e que os faz pôr de lado, insensivelmente, a calma cautelosa para dar lugar ao calor vizez das pugnas heróicas. Pelo contrário, tudo foi brando, monótono, insípido e desprovido de cor.

Wilson treinou de parceria com Larsen durante algum tempo. Conhecem-se, pois, muitamente e isso bastava para afastar a ideia de um bom combate, ainda que não para negar a possibilidade de um combate duro.

Aparados, como dois amigos que se despedem, ora emaranhando braços e lavas ora praticando processos irregulares de bater, os dois profissionais de Moçambique foram mercedores dos apupos e doestos que a multidão lhes lançou.

O corpo-a-corpo não constitui no boxe processo natural de combate. Diz-nos isso o bom senso, primeiro; depois, os tratados dos escritores *ex-professo*. Em Inglaterra, berço do pugilismo, sucede por vezes serem punidos com a derrota os jogadores que abasim do sistema; em Portugal, é moeda corrente o crític-

rio oposto, precisamente. Será do clima? Talvez....

Arbitrou o desafio José de Araújo, que outorgou a vitória por pontos a Jorge Larsen. Preferível seria, no entanto, ter chamado à ordem os pugilistas e exigir-lhes que combatessem com mais ortodoxia.

Os restantes *matches* do programa tiveram, também, pouco luzimento. O melhor foi o de João Rocha com Manuel de Sousa. Coube a decisão, por pontos, a Rocha após um combate em que dominou por maior empenho e mais oportunismo nas jogadas. Rocha, diante dum adversário descoberto, abusando dos «swings» e dos *hooks* largos, empregou directos e *hooks* curtos, com instintiva ou raciocinada intenção.

Souza foi esporádico. Devia, se recorrer inteligentemente às suas vantagens naturais de vigor, de comprimento de membros e mobilidade, obter a vitória. A arbitragem, de Pierre Charles, facilitada pelos pugilistas. Abriu a sessão um *match* sem estilo nem escola, cujos protagonistas, Cleandino Correia e Humberto Cruz, viram coroados os seus esforços com um empate.

Cruz não desagrado, se atendermos à sua qualidade de estreado. O mesmo não diremos de Correia, rapaz com vontade mal conduzida e que ainda não aprendeu o essencial.

No combate seguinte, Cruz Passos bateu João Jorge por fora de combate ao 4.º assalto. Jorge dominou no primeiro e segundo períodos, mas no terceiro foi sacadido e no imediato sofreu duas quedas, por motivo de vários golpes fortes, em dos quais o abateu sem apelo ou agravo.

Em resumo, um sarau pálido e triste como domingo de Inverno numa aldeia.

R. Barradas

## O «Almanaque dos Desportos»

Livro de 300 páginas ilustradas a publicar oportunamente

Pretende-se apresentar uma obra completa, verdadeiramente nacional. Por isso mesmo, concluído o ano de 1946, só agora podem resolver-se diversos problemas, a fim de servir os compradores com uma publicação deveras importante. Como nunca se fez em Portugal. Trata-se de um trabalho cuidado e difícil. Não é possível, portanto, indicar desde já a data provável da saída do «Almanaque». Iremos dando o nome dos inscritos, aguardando-se ainda que os interessados nos enviem a sua adesão:

Manuel Jesus Lisboaeta, Aldeia do Carvalho, Covilhã; Vasco da Costa Jacob, Tomar; Rui Tavares, Lisboa; António Elias, Moimenta da Beira; Agência de Estarreja; Café da Beira, Celorico da Beira; José Ferreira, Oliveira de Azeméis; Manuel Alves Pimenta Júnior, Aguiar, Bairrada; Amândio Dias Capela, Angeja; António Tavares Fernandes, Barcelos; Joaquim de Sousa, Souselheiro; David de António Franco da Mata, Peniche; Alexandre Loureiro, Covilhã; João da Silva Cascais, Outeiro S. Tiago, O. de Azeméis.



## Mosaicos nortenhos...

## REVISTA DA SEMANA

Quando Artur José Pereira vinha jogar ao Porto com o Belenenses, almoçava sempre cedo e cedo chegava ao velho campo da Constituição, nessa época o mais célebre e mais procurado terreno de jogos. Um dia lhe perguntaram o motivo por que o fazia, Artur, o moreno e gigante Artur, cabeça metida nas costas largas, respondia sempre:

— Quero ver jogar os «miúdos»...

De facto, sempre antes de qualquer desafio «grande», preenchia o F. C. do Porto o programa com um encontro entre infantis, ora do Académico e do Boavista, do Salgueiros ou do Leixões, do Progresso ou do Vilanovense. Não poucas vezes se dizia, à saída do campo:

— Se não fosse o jogo dos «miúdos», muito aborrecida teria sido esta tarde de futebol!

Poderia dizer-se assim. Naquelles grupos infantis alinharam, quanto ao F. C. do Porto, por exemplo, Valdemar Mota, Acácio Mesquita, Pedro Temudo, Carlos Nunes — que vieram a ser internacionais; Carlos Mesquita, Lopes Carneiro, Lopes Martins, Euclides Anaura, António Santos — que foram campeões. No Boavista estavam os infantis Oscar de Carvalho, Luzia, Alberto e Manuel Simões — uma série de futuros homens de boa categoria; no Salgueiros — Manuel Teixeira, Francisco Carvalho. E por aí fora, sem deixarmos de recordar Manuel Fonseca, do Académico, e António Soares, do Candal — que também foram «internacionais» a ponta-esquerda.

O futebol português, quando pôde utilizar esses infantis, atravessou um período de seguro brilhantismo. O F. C. do Porto chegou a formar uma grande equipa de infantis: — Mota, Jerónimo, T. mudo, Lopes Martins, Lopes Carneiro, Anaura, António Santos, Valdemar, Acácio, Carlos Mesquita e Nunes (4 internacionais, 3 campeões de Portugal e 10 seleccionados pela Associação do Porto).

Mas vieram a desaparecer os infantis. Aquellas equipas, formadas por «caltraos» (à nossa moda), deixaram de alegrar os campos do Porto e de fornecer jogadores aos futuros grupos de honra. Criou-se a equipa de juniores, onde os jogadores vão aprender quando os defeitos os perturbam, quando os vícios são já muito grandes... Sabe-se agora que um clube de Lisboa, o Oriental, foi autorizado a chamar os rapazes novos ao campo. Não pode o Porto seguir o antigo processo? Foi tão útil, como se vê, que até o glorioso e falecido Artur José Pereira prejudicava a sua refeição, «só para ver jogar os miúdos»...

Não faltará, dentro de cada clube, quem queira prestar-se ao sacrifício de atender os «garotos» dos 12 aos 17 anos. É tudo questão de boa vontade.

### Floriano Moreira

Villma de um desastre de motocicleta, faleceu há dias Floriano Moreira, simpático ciclista de Negrelos, que representou o Clube Desportivo das Aves e o Futebol Clube do Porto. Muito conhecido nos meios velocipédicos, representou o F. C. P. numa «Volta a Portugal», chamando-lhe os amadores o «Trindade do Norte», por via do seu aspecto franzino. Na última época ainda representou o Desportivo das Aves.

Lamentemos sinceremente o acontecido.

### Barrigana e Onofre

Andem agora estes dois nomes na «berlinda», e com certa insistência. O primeiro é de novo mais uma vez tentado por clubes lisboetas, sabendo-se que aproveitaram o seu «estágio» em Lisboa para o «namorar». Foram-lhe feitos dois convites. Esteve na sede de importante colectividade, para aceder a um; e recebeu ainda sugestões, das quais se encarregou conhecido elemento do futebol nacional, para apreciar o outro. Até parece que o F. C. do Porto não existe...

Onofre, por seu turno, e segundo nos garantiu pessoa vinda da capital, onde foi assistir ao jogo Portugal-Sulça, é dado como futuro componente do Benfica — que no dizer da mesma pessoa receberá ainda João Rebelo, José Martins, Manuel Rocha, Império dos Santos, etc.

Como se vê, não custa nada, pelo menos, lançar a desorientação no campo adversário. É tudo «nosso»... Que o diga o lvo Araújo!

### Eleições na A. F. do Porto

Reuniram-se os clubes filiados na A. F. do Porto para escolher os novos corpos gerentes, com vista às eleições marcadas para muito breve. De novo foi indicado o sr. Alberto Brito para presidente da Direcção e Orlando de Sousa para o cargo de secretário geral. Isto nos prova que os distintos desportistas abandonaram o propósito de se retirar, e estão assim.

### No F. C. do Porto e no Académico...

Para o Académico foi chamado a presidir o Sr. Dr. Pinheiro Torres, figura de prestígio e que por certo saberá conduzir a importante colectividade por bom caminho. Quanto ao F. C. do Porto, sabe-se apenas que a «oposição» prepara a sua lista, parecendo a actual gerência pouco disposta a lutar. Julga-se que a situação de tudo

quanto se relaciona com o Estádio (?) terá contribuído para o seu desinteresse.

É de se lhe dar razão!

### Três irmãos «Caiados»...

O Boavista recebeu novo reforço e... novo irmão Caiado! Assim, agora com o antigo jogador do Leça, ficará o conjunto de *xadrez* com José, Fernando e António Caiado, certeza de que não faltarão no grupo indispensável unidade.

Diga-se, entretanto, que isso está sendo verificado neste campeonato nacional. É preciso contar com o valor dos segundos do Porto, que já obtiveram resultados interessantes «fora de casa».

### Atletismo português

Está mais ou menos solucionada a crise directiva que impressionava os adeptos do atletismo português. Já se indicam futuros dirigentes, e oxalá todos se dêem as mãos no sentido de resolver problemas que muito interessam e são populares modalidade.

Por enquanto, apenas se efectuaram provas particulares de «corra melo». O F. C. P. e o Operário são os mais constantes, mas é de aguardar que, criada nova febre de dirigentes, outros se lhe juntem na ânsia de preparar rapazes e quem a modalidade agrade bastante.

### Um problema relacionado com certos castigos

Castigo a Associação de Futebol do Porto alguns jogadores de categoria secundária, e alguém nos faz a seguinte pergunta sobre o caso:

— Quando terminam esses castigos, se a categoria de que fazem parte não for chamada a provas.

Em nosso entender, esses castigos devem ser dados por conclusões quando a categoria de honra tiver efectuado 4 jogos. Ninguém pode impedir que o clube a que pertença o atleta castigado o chame ao 1.º grupo, em qualquer altura, e proceder de modo diferente seria impedir por um ano e não por 4 domingos o jogador ou jogadores em questão.

Julgamos, mesmo, que pense assim a A. F. do Porto.

### Os estágios...

Alinda a propósito da notícia que acima damos aos leitores, sobre Barrigana, sugere-nos um desportista peseroso certa medida algo violenta. Não concordamos e por isso nos dispensamos de a reletar.

Os «estágios» não fazem mal aos jogadores que conhecem as suas

**ANDEBOL** — Venceu-se finalmente aquela série de irregularidades que por muito tempo mereceram este desporto em tremenda série de questões e de alludes bem aborrecidas. O campeonato principiou há semanas e a classe do jogo começa a apurar-se devidamente, podendo dizer-se que já possuímos de novo grupos de boa categoria. Vigorosa, Académico, Porto, Salgueiros e Vilanovense estão afinando convenientemente os seus conjuntos.

Na última jornada, verificaram-se os seguintes resultados: — Vilanovense-Salgueiros, 10 5; Vigorosa-Académico, 5-2; F. C. Porto-Leixões, 6-1; Leça-Boavista, 10 1.

No Porto principiou também o campeonato nacional de andebol juniores. Resultados: Académico-Vigorosa, 5-3; Boavista-Ferrovário, 1-0; F. C. Porto-Leixões, 2 2 e Leça-Vilanovense, 0 0.

**OQUEI EM CAMPO** — O campeonato português é longo. Estão inscritos muitos grupos bons, de valor muito igual, embora se possa apontar este ano a subida interessante da equipa do L'Air Liquide.

Resultados: Académico-Gala, 5-1; Ramaldense-Sport, 3 0; F. C. Porto-Vilanovense, 1-0; Leixões-Estrela e Vigorosa, 1-0; L'Air Liquide-Boavista, 1-0.

Por enquanto não há favoritos. Ramaldense, Académico, L'Air Liquide e Porto parecem mais bem preparados para o golpe final. Mas o Boavista, Leixões e Vilanovense possuem boas equipas e podem emboreçar ainda as aspirações dos grupos de vanguarda.

### E SOBRE CORTA-MATO?

— Nada de novo, por enquanto. Apenas provas particulares no F. C. Porto e Operário (pedestrianismo). Os ciclistas ainda se não resolveram...

obrigações. Como também não servem para aguçer o apetite daqueles desportistas que em tão pouca conta têm o trabalho alheio. De resto, se todos os estatutos e regulamentos não forem «letra morta», esteja descansado o amigo contrário aos estágios, de mais a mais porque o F. C. do Porto sabe bem do que se passa... — e ainda outras entidades.

Não se diga: — Que aconteceria ao F. C. do Porto se recusasse a ida de jogadores para «estágio»?

— Era castigado!

— E que aconteceria se lhe conseguirem desviar esses jogadores?

— São atendidos os clubes que os procuram!

Diriamos todos, neste caso, que o funil era largo demais em cima e estreito em baixo... Como pensa com certeza o Senhor Director Geral dos Desportos.



# O SPORTING ganhou em ELVAS



Um ataque decidido dos jogadores do Sporting não chegou a intervir, pois o guarda-redes do Elvas conseguiu evitar o gol.



Jesus Cardoso emenda a avançada Semedo, saindo ao seu encontro, levando a bola para fora da rede.



Semedo mergulha com decisão a um tomate de Peyroteo. A bola, entretanto, já estava dentro da rede.



Os académicos portuenses estão à beira da rede barcelense. A posição do guarda-redes adversário denuncia valor — mas na reorganização será hostilizado.



## O LUSO do BARREIRO

Os clubes barreirenses demonstram constantemente até que ponto procuram progredir. O Lusos, dos mais simpáticos, inaugurou no domingo a sua nova séde, estando presentes ao acto os Senhores Subsecretários do Estado das Obras Públicas e da Educação Nacional.